

PARADIGMA CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DO COMPORTAMENTO

ANDREA DE CARVALHO PINTO RIBELA NAITO

AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE TREINO PARENTAL COM ENSINO DE
ANÁLISE FUNCIONAL PARA DIMINUIÇÃO DE COMPORTAMENTOS
DISRUPTIVOS EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
(TEA).

São Paulo

2017

ANDREA DE CARVALHO PINTO RIBELA NAITO

AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE TREINO PARENTAL COM ENSINO DE
ANÁLISE FUNCIONAL PARA DIMINUIÇÃO DE COMPORTAMENTOS
DISRUPTIVOS EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA (TEA).

Dissertação apresentada para a Associação Paradigma Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento, como parte dos requisitos para obtenção do título de MESTRE em Análise do Comportamento Aplicada, sob orientação do Dr. Candido V. B. B. Pessôa e supervisão do Dr. Mateus B. R. Pereira.

São Paulo

2017

Aprovado em: __/__/__

Banca Examinadora

Prof(a) Dr(a): _____

Avaliação: _____ Assinatura: _____

Prof(a) Dr(a): _____

Avaliação: _____ Assinatura: _____

Prof(a) Dr(a): _____

Avaliação: _____ Assinatura: _____

Prof(a) Dr(a): _____

Avaliação: _____ Assinatura: _____

À minha mãe e ao meu marido, com todo amor e carinho

Agradecimentos

Agradeço a todos que com muito amor e carinho me ajudaram a concluir esse trabalho:

Ao meu orientador Candido, agradeço toda a dedicação e paciência. Obrigada por sempre me fazer olhar para a importância desse trabalho, reconhecer e valorizar a dedicação que foi necessária para coleta e análise de dados.

Ao meu supervisor Mateus, por todo o conhecimento compartilhado e incentivo dado. Fez toda a diferença trabalhar com pessoas “reforçadoras”.

A minha mãe, Teresa, por todo amor do mundo, por ser minha maior admiradora, meu melhor exemplo acadêmico e de cuidado com as pessoas. Obrigada por sempre incentivar meus projetos, vibrar com as minhas conquistas e me apoiar nas frustrações.

Ao meu marido, Flávio, por todo o companheirismo, carinho, amor e paciência nos últimos anos. Você sempre consegue me ajudar a tornar qualquer desafio “enfrentável”.

Ao meu pai e meu irmão, pelo amor e incentivo de sempre.

Ao Vitor Kenzo e a Manu, por fazerem meu coração transbordar de amor todos os dias com cada conquista nova que aparecem.

Aos participantes dessa pesquisa, pelo comprometimento e carinho com esse trabalho. Serei eternamente grata.

Resumo

Das crianças diagnosticadas com TEA, 50% apresentam problemas de comportamento que incluem: birras, desobediência a regras, além de comportamentos auto e heterolesivos. Tais comportamentos interferem na performance das atividades do dia a dia dessas crianças e de seus cuidadores. O objetivo do presente estudo foi descrever um programa de treino parental que ensina aos pais a realização de hipóteses funcionais a respeito dos comportamentos disruptivos de seus filhos e a posterior avaliação da eficácia do programa para alterar não somente o comportamento dos pais em relação ao comportamento dos filhos, como também o comportamento dos filhos em relação aos pais, reduzindo a frequência de comportamentos disruptivos e aumentando a frequência de comportamentos adequados. Participaram dessa pesquisa três casais, pais de crianças diagnosticadas com TEA. O procedimento de treino de pais foi realizado em quatro etapas, sendo elas: 1) Como olhar para o comportamento do meu filho?, 2) Aprendendo sobre Análise do Comportamento, 3) Aprendendo a realizar hipóteses funcionais sobre o comportamento do meu filho e 4) Aprendendo estratégias para o manejo do comportamento problema. No início e no final de cada etapa foram realizadas avaliações através de medidas de observação direta do repertório comportamental dos pais e de seus filhos. Os resultados encontrados evidenciaram que o procedimento proposto foi eficaz para diminuir a frequência de comportamentos disruptivos de todos os participantes. Considerando a soma de interações entre pai e mãe, para P3, apesar do procedimento ter se mostrado eficaz para diminuir a utilização de falas restritivas, demandas repetitivas e frequência de reforço positivo para comportamentos inadequados dos filhos não mostrou-se eficaz para ensinar esses pais a aumentarem a frequência de reforçar positivamente os comportamentos adequados de seu filho. Já para os participantes P1 e P2, o procedimento mostrou-se eficaz para aumentar a frequência de utilização de reforço positivo para comportamentos adequados dos filhos, diminuição da frequência de falas restritivas, diminuição da frequência de demandas repetitivas e diminuição da frequência de reforço positivo para comportamentos inadequados dos filhos.

Palavras chaves: orientação parental, treino de pais, Transtorno do Espectro Autista, análise do comportamento.

Abstract

Among children diagnosed with autism spectrum disorder (ASD), 50% present behavioral problems including: tantrums, noncompliance, self- and hetero-injurious behaviors. These behaviors interfere with the daily activities performance of these children and their caregivers. The objective of the present study was to describe a parental training program that teaches parents to perform functional hypotheses about their children's disruptive behaviors and to evaluate the effectiveness of the program to change not only the behavior of the parents in relation to their children, but also the children's behavior towards their parents, reducing the frequency of disruptive behaviors and increasing the frequency of appropriate behaviors. Three couples, parents of children diagnosed with ASD (P1, P2, P3), participated of this study. The parent training procedure was performed in four stages: 1) "How to look at my child behavior?"; 2) Learning about Behavior Analysis; 3) Learning how to make functional hypotheses about my child behavior and 4) Learning strategies for the management of the problematic behavior. At the beginning and at the end of each stage, evaluations were carried out through the measurements of direct observation of the behavioral repertoire of parents and of their children. The results showed that the proposed procedure was effective in reducing the frequency of disruptive behavior of all participants. Considering the sum of father-to-mother interactions for P3, although the procedure proved to be effective in decreasing the use of restrictive speech, repetitive demands and frequency of positive reinforcement for the child inappropriate behavior, it did not prove to be effective in teaching these parents how to increase the frequency of positive reinforcements for child appropriate behavior. On the other hand, for the participants P1 and P2, the procedure proved to be effective in increasing the frequency of positive reinforcements for the appropriate behaviors, in reducing the frequency of restrictive speech, in decreasing the frequency of repetitive demands and the frequency of positive reinforcements for children's inappropriate behavior.

Keywords: Parental Guidance, Parent Training, Autistic Spectrum Disorder, Behavioral Analysis.

Sumário

1	Introdução	1
1.1	A importância do treino de pais de crianças autistas	1
1.2	O treino de pais na literatura	5
1.3	Objetivos	13
2	Método	15
2.2	Local e Material	15
2.3	Variáveis Dependentes	16
2.4	Procedimento	16
2.4.1	Características gerais do procedimento	17
2.4.2	Descrição das Etapas	18
2.4.2.1	ETAPA 1: Como olhar para o comportamento do meu filho	19
2.4.2.2	ETAPA 2: Aprendendo sobre Análise do Comportamento	21
2.4.2.3	ETAPA 3: Aprendendo a realizar hipóteses funcionais sobre o comportamento do meu filho	22
2.4.2.4	ETAPA 4: Aprendendo estratégias para manejo do comportamento problema	23
3	Resultados	25
3.1	Participante 1	25
3.2	Participante 2	28
3.3	Participante 3	32
4	Discussão	40
5	Referências Bibliográficas	46
6	Anexo	49

O transtorno do espectro autista é um distúrbio crônico do desenvolvimento que apresenta início precoce, ainda na primeira infância (até 3 anos), e é caracterizado por déficits na comunicação social, interesses restritos e presença de comportamentos repetitivos (Gadia, Tchuman & Rotta. 2004).

De acordo com estatística apresentada pelo *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC) dos Estados Unidos, a partir de dados coletados em 2012, uma em cada 88 crianças com oito anos é diagnosticada com transtorno do espectro autista, tornando-se um grande desafio para saúde pública. Ainda de acordo com o CDC, encontra-se 5 vezes mais meninos do que meninas com diagnóstico no espectro.

Segundo Bearss et al. (2015), além das características definidoras do espectro, cerca de 50% das crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista apresentam problemas de comportamento que incluem: birras, desobediência a regras, além de comportamentos auto e heterolesivos. De acordo com Iwatta, Dorsey, Slifer, Bauman e Richman (1994), comportamento auto lesivo é uma forma bizarra e crônica de comportamento aberrante de etiologia pouco conhecida que pode expor a sérios riscos a pessoa que se engaja neles. Bearss et al. destacam ainda que tais comportamentos interferem na performance das atividades do dia a dia dessas crianças e de seus cuidadores, dificultando acesso a instituições educacionais, por exemplo, e consequente aumento do isolamento social. Os cuidadores, muitas vezes sem perspectiva em relação a como manejar esses comportamentos, acabam tendo seus níveis de estresse aumentados.

1.1 A importância do treino de pais de crianças autistas

A importância e os benefícios do treino de pais como parte integrante da intervenção com crianças vêm sendo demonstrados por diversos autores há décadas. Bernal e North (1978), destacam que a abordagem comportamental para tratamento de crianças enfatiza a importância do treino de agentes sociais, como os pais, por exemplo, visando a produção de alterações duráveis e generalizáveis no comportamento das crianças. De acordo com Borba (2014), uma vez que o comportamento dos pais se torna o principal ambiente com o qual a criança convive, torna-se imprescindível para um programa de ensino parental que os pais sejam ensinados não só a mudar o comportamento da criança, como também seu próprio comportamento, visto que

interferem diretamente no ambiente da criança. Zazula e Haydu (2011) enfatizam que os pais são considerados agentes de mudança do comportamento dos filhos e que ensinar aos pais como manipular contingências ambientais na interação com seus filhos aumenta a probabilidade de que eles ajam de modo mais eficaz em situações difíceis. Schultz, Schimidt e Sticher (2011) complementam ainda outros dois potenciais benefícios da educação de pais: reduzir o estresse parental e aumentar o senso de competência parental. Considerando os dados apresentados por Hastings e Johnson (2001), Farmer e Reupert (2013) e Wainer e Ingersoll (2013) – de que os pais de crianças com transtorno do espectro autista (TEA) relatam níveis mais elevados de estresse do que pais de crianças com desenvolvimento típico – a importância desse tipo de treino para essa população se mostra ainda mais importante.

Quando direcionamos o olhar para essa população específica – pais de crianças com o transtorno do espectro autista –, no entanto, o número de pesquisas destinadas à descrição de programas de treino de pais já não é tão frequente. Em revisão dos artigos sobre treino de pais publicados pelo *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA) de 1968 a 2009, Zazula e Haydu (2011) constatam que há número muito superior de estudos com pais de crianças com desenvolvimento típico do que com pais de crianças com TEA. Dos 36 estudos analisados no artigo de Zazula e Haydu, 18 têm como participantes pais de crianças com desenvolvimento típico e apenas sete pais de crianças com síndrome do espectro autista. Nos demais estudos (11), os participantes fazem parte da categoria de pais de crianças com necessidades especiais (sejam elas físicas ou não. O autismo não é considerado como parte dessa categoria de acordo com a classificação dos autores). Em estudo conduzido por Fernandes e Amato (2013), cujo objetivo foi o de realizar uma revisão sistemática da literatura envolvendo as propostas de terapia baseadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA) dirigida a pessoas portadoras do transtorno do espectro autista no período de 2008 a 2013, destacou-se o fato de que entre os 52 artigos analisados, apenas 6%, tinham como foco a atuação e contribuição dos pais para o processo de intervenção.

De acordo com revisão realizada por Schultz, Schimidt e Stichter (2011), pesquisas que avaliem a qualidade e os benefícios do treino de pais em casos de TEA devem ser conduzidas. Uma criança com necessidades específicas do TEA pode apresentar desafios para os pais que podem acabar dificultando a eficácia em fornecer

cuidados básicos, além de inibir a sua capacidade de estabelecer relações satisfatórias, não só com a criança, mas também com a família inteira.

Considerando as especificidades características do TEA, e a necessidade de cuidados específicos, o treino de pais para essa população também exige objetivos claros e que levem em consideração as características do espectro. De acordo com Schultz, Schimidt e Sticher (2011) os programas de treino de pais têm apresentado os seguintes objetivos: informar os pais, ensinar-lhes novas habilidades e suplementar a intervenção com as crianças. Indo pela mesma direção, Zazula e Haydu (2011), destacam que os principais objetivos dos programas de treino de pais são: o ensino do emprego adequado de técnicas comportamentais, o estabelecimento de padrões de interação pró sociais e diminuição da emissão dos comportamentos problema. Bearss, Johnson, Handen, Smith e Scahill (2013) ressaltam ainda que o programa de treino de pais pode ser uma ferramenta importante para reduzir o abandono do tratamento e melhorar o funcionamento adaptativo dos pais nas situações problema.

Apesar dos estudos revisados apresentarem com clareza os seus objetivos, o mesmo não pode ser dito em relação às estratégias que são utilizadas para o ensino dos pais e conseqüente mudança no comportamento, o que acaba por dificultar a replicação desses programas. Nesse sentido, Bernal e North (1978) chamam a atenção para a escassez de materiais para o treino de pais, mais especificamente para materiais que comuniquem aquilo que os pais deveriam fazer para serem agentes de mudança efetivos. Com essas constatações, Bernal e North produziram uma revisão de literatura em que levantaram todas as publicações referentes a manuais de treino de pais, e em seguida categorizaram tais publicações, afim de apresentar informações úteis para um profissional na seleção de um manual para tratamento individual ou em grupo. Entre as conclusões apresentadas pelos autores, destaca-se que poucos dados foram encontrados a respeito da eficácia dos manuais destinados a profissionais que têm como objetivo o treino de pais, além disso os procedimentos utilizados são descritos com pouca clareza. Os manuais que apresentam algum tipo de dado de forma clara, o fazem através da ilustração de casos que documentam a eficácia de um procedimento determinado. Dessa forma, o estudo concluiu a necessidade de evidências de que os manuais analisados fossem uma variável responsável pela melhoria na prática clínica dos profissionais.

Schultz, Schimidt e Sticher (2011), 33 anos após o estudo publicado por Bernal e North (1978), enfatizam que

apesar da significativa literatura encontrada sobre o tema, educação de pais, que muitas vezes é referida como treino de pais, permanece uma escassez sobre as estratégias utilizadas para ensinar os pais e com que rigor tais estratégias estão sendo avaliadas. Sabe-se menos ainda como as orientações de pais veem sendo feita em áreas específicas como a das crianças no espectro autista. (p.96)

e que por essa razão “compreender características de intervenção efetivas para famílias de crianças com TEA é uma preocupação crescente” (p.96). Entre os resultados apresentados na revisão realizada pelas autoras, destaca-se o fato de nenhum dos 30 artigos selecionados para análise relatar medida de fidedignidade dos dados para o procedimento de treino de pais, o que dificulta a avaliação a respeito da consistência com que as intervenções foram aplicadas indicando a necessidade de pesquisas futuras atentarem a tais medidas.

Fernandes e Amato (2013) reafirmam os resultados obtidos por Schultz, Schimidt e Stchiter (2011), destacando que “embora diversos estudos apontem para a importância da contribuição dos pais na aplicação dos princípios da ABA no ambiente doméstico, esta revisão de literatura encontrou poucos resultados científicos dessa proposta” (p.291). Zazula e Haydu (2011), acrescentam que pesquisas futuras devem fazer descrições claras e específicas de quais princípios da Análise do Comportamento subsidiam os procedimentos utilizados no estudo. Pode-se concluir, portanto, que apesar da evolução na área em relação ao número de publicações sobre o tema, pouco se avançou em relação à apresentação dos procedimentos e estratégias utilizadas para o treino de pais.

A falta de clareza nas descrições dos procedimentos utilizados para treino de pais gera uma dificuldade não só para a replicação dos estudos publicados, mas também para a formação e atualização dos profissionais que trabalham na área, uma vez que podem ter acesso aos resultados alcançados com uma intervenção desse tipo, mas não têm acesso ao que foi utilizado como procedimento. Além disso, de acordo com Smith, Buch e Gamby (2000), entre os fatores que podem diminuir a efetividade de uma intervenção via cuidadores estão o acompanhamento infrequente ou pouca experiência do consultor e a demanda excessiva aos pais ou uma equipe com excesso de trabalho. A precisão na descrição dos procedimentos utilizados assim como a justificativa das escolhas tomadas com base nos princípios de análises do comportamento, certamente colaborariam para a

diminuição de fatores prejudiciais à efetividade do tratamento. Um exemplo de tais fatores prejudiciais que poderiam ser evitados é a pouca experiência do consultor e a demanda excessiva apresentada aos pais, já que descrições cuidadosas permitiram ao profissional acesso a referências na literatura que ajudassem a guiar o seu trabalho.

1.2 O treino de pais na literatura

De acordo com Schultz, Sticher, Herzog, McGhee e Lierheimer (2012) diversos estudos indicam que os pais de crianças no espectro autista, devido ao déficit de habilidades apresentado por seus filhos, relatam um aumento de níveis de estresse e uma sensação diminuída de competência parental, itens esses, que têm sido associados aos sentimentos de isolamento social, aumento do risco de depressão clínica e redução da satisfação conjugal. Dessa forma, segundo os autores, programas projetados para fornecer informações aos pais e assim aumentar os seus conhecimentos podem ser eficazes para diminuir o estresse e aumentar a sensação de competência parental, uma vez que podem fornecer esclarecimento a respeito das habilidades deficitárias dos filhos, além de indicar possibilidades de intervenção que favoreçam o desenvolvimento de tais habilidades.

Schultz et al. (2012) conduziram estudo para desenvolver um programa (SCI-P) de treino de pais cujo objetivo era ensinar aos pais estratégias que os ajudassem a ensinar e apoiar o desenvolvimento de habilidades sociais de seus filhos. Tal programa, foi desenvolvido como um complemento à intervenção de competência social para adolescentes (SIC-A). Participaram do estudo 26 pais de jovens com idades entre 11 e 14 anos que tinham diagnóstico documentado de TEA e que participavam da intervenção de competência social para adolescentes (SIC-A).

Para a realização do estudo, Schultz et al. (2012) utilizaram um delineamento quase experimental em que os pais foram distribuídos em dois grupos: a) SCI-P, no qual jovens e pais recebiam intervenção e b) grupo comparação em que somente os jovens recebiam intervenção. Foi solicitado aos pais que participaram do estudo nos dois grupos que preenchessem um conjunto de medidas auto-relatadas, cerca de duas semanas antes e duas semanas depois da intervenção dos jovens. Além disso, deveriam preencher também avaliações padronizadas a respeito do comportamento e das interações sociais de seus filhos. O método utilizado para ensino consistiu em instruções didáticas de novas habilidades e tempo, durante as sessões, para o planejamento de “como” e “onde”

selecionar habilidades adequadas em suas casas. As habilidades foram explicadas verbalmente, modeladas e praticadas com feedback do educador de pais durante cada sessão. Foram solicitadas também lições de casa para serem feitas com os filhos.

Com a intervenção de competência social para pais (SCI-P), os autores identificaram que os pais que participaram da intervenção relataram significativamente menos estresse do que os pais do grupo comparação, em que somente os jovens receberam intervenção.

A proposta apresentada por Schultz et al. (2012) em relação à execução da lição de casa parece interessante, uma vez que tem como objetivo que o pai pratique na situação de seu “ambiente natural” aquilo que foi apreendido nas sessões. A execução das atividades e feedback do educador pode permitir ainda que o pai reveja sua prática, tirando as dúvidas que possam ter surgido. Schultz, et al., no entanto, não fazem nenhuma menção à eficácia da utilização da lição de casa e tão pouco a aceitação dos pais a esse aspecto. Considerando a ausência de tais avaliações, seria interessante que estudos futuros se preocupassem com tais aspectos.

A partir do método descrito por Schultz et al. (2012), pode-se observar que foram utilizadas apenas medidas auto relatadas e avaliações padronizadas, cujas informações eram coletadas a partir do relato verbal dos pais. Nesse sentido, observa-se que o estudo apresentou evoluções em relação à descrição das intervenções realizadas, assim como em relação à seleção de medidas que fossem capazes de avaliar tais intervenções. Estudos futuros devem preocupar-se em utilizar não apenas medidas auto relatadas como também medidas de observação direta, garantindo maior precisão dos resultados obtidos e evitando possíveis inferências decorrentes da utilização do relato verbal.

Handen et al. (2013) defendem a utilização de medidas de observação direta, justificando que tais medidas podem ser conduzidas sem que o avaliador tenha conhecimento da intervenção realizada, o que de acordo com os autores é especialmente útil quando não se tem um grupo controle. Além disso, destacam que tais medidas permitem a medição do comportamento em nível individual, o que é extremamente vantajoso uma vez que, as escalas de avaliação têm conjuntos de comportamentos pré-selecionados e que podem não identificar alterações individuais. Os autores ressaltam ainda que poucas escalas são bem-sucedidas em avaliar a interação entre pais e filhos, o que pode ser um alvo importante para intervenção.

O objetivo do estudo apresentado por Handen et al (2013) foi analisar a capacidade de uma medida de observação direta e estruturada em detectar mudanças tanto no comportamento dos pais, quanto no comportamento dos filhos. As quatro hipóteses de interesse que os autores testaram foram se as medidas de observação direta e estruturadas a) mostrariam melhoras no comportamento da criança da linha de base para o final do tratamento com a utilização de Risperidona, b) demonstrariam discriminações entre os tratamentos – medicação apenas e medicação mais treino de pais – principalmente em relação ao comportamento dos pais, c) poderiam ser comparadas e associadas com as mudanças identificadas no comportamento das crianças a partir das escalas de avaliação *Home Situations Questionnaire (HSQ)* e *Aberrant Behavior Checklist Irritability (ABCI)* d) mostrariam mudanças nos comportamentos dos pais que não poderiam ser comparadas com nenhuma escala de avaliação de estudos anteriores, uma vez que todas são direcionadas ao comportamento das crianças.

Para testar as hipóteses levantadas, Handen et al. (2013) determinaram quatro situações de observação da interação entre pais e filhos em uma sala na clínica em que a pesquisa era conduzida. As situações determinadas foram: condição de brincar livre, condição de atenção social, condição de demanda e condição de restrição de tangível. A partir da definição das condições de observação os pesquisadores determinaram as classes de comportamentos dos pais e dos filhos que seriam observados. As classes de comportamentos dos filhos avaliadas foram: a) comportamentos disruptivos ou inapropriados, b) comportamentos de obediência ou desobediência – essa medida foi utilizada apenas nas condições de demanda. Já as classes de comportamentos dos pais avaliadas foram: a) utilização de comentários restritivos, b) utilização de reforçamento positivo, c) utilização de demandas repetitivas d) percentual de liberação reforços contingentes a obediência do filho – essa medida foi utilizada apenas na condição de demanda.

Após a realização do treino de pais e administração da Risperidona, os resultados encontrados por Handen et al. (2013) através das medidas de observação direta e estruturada indicaram que nenhuma mudança estatisticamente significativa foi observada em relação à diminuição de comportamentos inapropriados/disruptivos nas condições de brincar livre e atenção social entre a linha de base e o pós treino. Por outro lado, diminuições significativas foram observadas nas condições de demanda e nas condições de restrição de tangível. Em relação ao comportamento dos pais, observou-se que ocorreu

aumento significativo no uso de reforçamento positivo nas condições de brincar livre e de demanda, diminuição de comentários restritivos nas situações de atenção social e diminuição das repetições de solicitações na condição demanda.

Sobre as medidas de observação direta e estruturada utilizadas, Handen et al. (2013) concluíram que essas se mostraram eficazes para detectar mudanças no comportamento dos participantes ao longo do tratamento. Não foi possível observar correlação entre resultados encontrados através da medida de observação direta e os resultados encontrados de medidas auto relatadas tais como a HSQ e ABCI. Tal resultado indica que a observação direta da relação entre os pais e a criança pode acessar dados diferentes dos questionários padronizados.

A descrição objetiva e detalhada das medidas utilizadas por Handen et al. mostra-se de extrema relevância, uma vez que, evidencia medidas para observações direta – diferentemente de estudos encontrados que contam apenas com medidas auto relatadas (e.g., Schultz, et al., 2012; Bearss et al., 2013) - possibilitando a utilização de tais parâmetros por estudos futuros e a comparação dos resultados encontrados.

Bearss et al. (2013), conduziram um estudo cujo os objetivos foram descrever: a) o desenvolvimento de um programa de treino de pais para crianças com TEA, b) o treino realizado com os terapeutas para aplicação do programa garantindo a manutenção da integridade do treino e c) avaliação da aceitação das famílias em relação ao programa de treino de pais proposto.

Bearss et al. (2013) elaboraram um manual para uso dos terapeutas que seriam responsáveis pelo treino de pais. Tal manual enfatiza uma análise funcional dos comportamentos disruptivos e apresenta uma estrutura do treino composto por sessões de 60 a 90 minutos de duração, realizadas individualmente com o cuidador primário e o terapeuta. As primeiras sessões se concentraram em estratégias comportamentais destinadas a reduzir o comportamento disruptivo da criança e sessões posteriores forneceram estratégias para ensinar à criança novas habilidades e generalização dos ganhos obtidos ao longo do tempo. Cada sessão incluía um script que deveria ser seguido pelo terapeuta e folhas de atividades para os pais. As sessões utilizavam instrução direta, modelagem e role-playing para promover a aquisição de competências parentais. Vídeos foram utilizados para exemplificar a implementação da habilidade e para testar o conhecimento dos pais acerca das habilidades treinadas nas sessões. Lições de casa foram dadas para que os cuidadores praticassem o apreendido em cada sessão.

Para avaliar o programa proposto, Bearss et al. (2013) realizaram um questionário de satisfação dos pais, administrado no final do programa de treino. O questionário incluiu perguntas sobre o conteúdo, número e duração das sessões, assim como questões relacionadas às ferramentas de ensino utilizadas (vídeos, planilhas, e lições de casa) e ao nível de confiança para lidar com futuros problemas de comportamento dos filhos. As crianças foram avaliadas em linha de base, em pontos específicos do ensaio e no final do programa. As medidas foram o relato dos pais sobre avaliação do repertório dos filhos (métodos de avaliação apresentados também por Schultz, et al., 2012) e uma escala preenchida a partir de observação direta por um avaliador não envolvido na administração do treino de pais e que tão pouco discutia caso com o terapeuta que conduzia o programa. Os autores não descreveram qual foi a escala utilizada por esse avaliador nem os comportamentos que foram foco da observação direta.

A partir das avaliações realizadas, os autores concluíram que a aceitação dos pais ao programa proposto nos três ensaios foi excelente, com taxa de 84 a 93% de participação nas sessões principais. Observou-se adesão ao material proposto e às lições de casa em 80-89% dos casos. Apesar da descrição da aprovação dos pais em relação à lição de casa como uma das estratégias de ensino, o estudo não deixa claro o efeito dessa ferramenta sobre as habilidades aprendidas pelos pais ao longo do programa. Observou-se, através das escalas preenchidas pelos pais e da observação direta, reduções significativas nos comportamentos disruptivos das crianças em todos os ensaios, o que indica que o tratamento direto com os pais pode produzir efeito sobre o comportamento da criança.

Nenhuma discussão foi proposta em relação à escolha dos autores por iniciar o ensino dos pais com estratégias para lidar com os comportamentos disruptivos e apenas em um segundo momento o ensino de repertórios alternativos. Considerando que entre as estratégias comumente utilizadas para lidar com comportamentos disruptivos encontra-se a extinção e como consequência todos os subprodutos gerados por ela, seria de fundamental importância que houvesse a descrição dos procedimentos utilizados assim como a possível inversão da ordem do programa visando inicialmente o ensino de novas habilidades (que por si só já poderiam diminuir a frequência de comportamentos disruptivos) para em seguida ensinar as estratégias para lidar com os comportamentos disruptivos.

Farmer e Reupert (2013) conduziram um estudo cujo objetivo era desenvolver um programa de treino parental que possibilitasse a melhora do conhecimento dos pais a respeito do autismo, a melhora da sensação de confiança dos pais em relação ao manejo com seus filhos e a diminuição da ansiedade dos pais. Para isso realizaram um programa com duração de seis semanas em que os pais participavam de sessões de grupos com outros pais e a terapeuta. Estas sessões tiveram como objetivo os seguintes temas: a) o que é autismo, b) como processos sensoriais afetam crianças com autismo, c) questões acerca da comunicação receptiva e expressiva para crianças com autismo, d) dificuldades relativas a socialização para crianças com autismo, e) a perspectiva dos pais de crianças com TEA, f) entender o que é comportamento.

Como pode-se observar, das seis sessões propostas, quatro preocuparam-se em descrever e ensinar aos pais questões referentes a especificidades no comportamento de crianças com TEA. De acordo com os resultados descritos pela autora, os pais apresentaram ao final do programa relatos de “alívio em ter conhecimento de que existem diferenças reais que explicam os pensamentos e comportamentos de seus filhos” (p.23), além disso, passaram a atribuir a maior aceitação e compreensão a respeito das dificuldades do filho ao aumento em relação ao conhecimento a respeito do autismo.

O presente trabalho considera que o ensino de questões específicas relacionadas ao autismo pode ser de extrema relevância, conforme descrito por Farmer e Reupert (2013). No entanto, levanta a hipótese de que iniciar um programa de orientação de pais com esse tema pode reduzir a motivação dos pais para participarem do programa, uma vez que esses serão logo de início colocados de frente com características que diferenciam seus filhos de outras crianças. Além disso, é de interesse desse estudo que os pais aprendam a olhar para os seus filhos não apenas tendo clareza de suas dificuldades como também de seus comportamentos adequados.

Considerando a literatura até aqui apresentada, observa-se que os programas descritos priorizam diferentes objetivos e utilizam-se de estratégias variadas para alcançar os resultados esperados. Entre as variações observadas destaca-se o fato de alguns treinos priorizarem o ensino direto aos pais de novas habilidades, enquanto outros priorizam a informação a respeito das características do espectro. Tal diferença, traz à tona algumas questões importantes relativas por exemplo, a quais são as condições necessárias e suficientes para se alcançar um objetivo como a redução de comportamentos disruptivos das crianças a partir do treino de pais.

Na tentativa de responder a essa lacuna apresentada na literatura Bearss et al. (2015) desenvolveram estudo com o objetivo de avaliar se o treinamento de pais pode ser mais eficaz que a educação de pais para a redução de comportamentos problemas tais como: birras, desobediência a regras, comportamentos auto e heterolesivos. O termo “treinamento de pais” foi definido pelos autores como uma intervenção empiricamente validada que promove aos pais o ensino de técnicas específicas para manejo de comportamento problema. Já o termo “educação de pais” foi utilizado pelos autores para definir a intervenção que promovia aos pais o ensino de características do espectro autista.

No estudo apresentado por Bearss et al. (2015), os pais foram divididos em dois grupos, a) treino de pais e b) educação de pais. A intervenção do grupo de treinamento de pais foi composta por 11 sessões principais, 2 sessões opcionais, 2 sessões de reforço por telefone e duas visitas em casa. Nessas sessões eram passadas estratégias específicas para manejo do comportamento problema. Nas sessões iniciais desse grupo, os pais eram ensinados a identificar a função dos comportamentos de seus filhos, analisando os antecedentes e as consequências. Em seguida, aprendiam sobre estratégias para prevenir comportamentos problemas tais como: uso de quadros visuais para planejamento de rotina, uso de reforço positivo para comportamentos adequados, planejamento do uso da extinção para comportamentos problemas, e técnicas para promover obediência. Por fim, os pais eram ensinados a ensinar aos filhos novas habilidades e a como manter os ganhos obtidos ao longo do processo. Já o grupo de orientação de pais foi composto por 12 sessões principais e 1 visita em casa. Nessas sessões foram passadas informações sobre o autismo, mas não foram ensinadas estratégias específicas para o manejo do comportamento problema. Com a criação desse segundo grupo, os autores pretendiam identificar se apenas a informação sozinha poderia produzir uma melhora nos comportamentos problemas. Tal questionamento parece corroborar com a hipótese levantada anteriormente a respeito das possíveis consequências de se escolher um programa que enfatize informações a respeito do espectro. As principais escalas utilizadas por Bearss et al. (2015) para avaliação da melhora do comportamento problema foram *Home Situations Questionnaire – Autism Spectrum Disorder (HSQ - ASD)* e *Aberrant Behavior Checklist Irritability (ABCI)*.

De acordo com os resultados apresentados, o grupo de treino de pais apresentou queda de 47,7% na pontuação total (comparando a pontuação antes do início do programa e após o início do programa) da escala ABCI enquanto que o grupo educação de pais

apresentou diminuição de 31,8% na pontuação total da mesma escala de avaliação. Considerando a escala HSQ- ASD o grupo de treino de pais apresentou diminuição de 55% da pontuação total, enquanto que o grupo de orientação de pais apresentou queda de 34,2% da pontuação total da mesma escala. Sobre os resultados, os autores, evidenciam que apesar das medidas auto relatadas indicarem uma eficácia maior do programa de treinamento de pais a significância clínica da melhora é pouco clara. Tal dado corrobora com o que foi discutido anteriormente na presente pesquisa a respeito da importância do uso de medidas diretas além de medidas de escalas auto relatadas como as destacadas no estudo.

Wainer e Ingersoll (2013), realizaram programa de ensino a distância para treino de imitação recíproca a crianças com TEA. Os pais e profissionais que acompanhavam as crianças eram expostos a um treino por meio de um software online que ensinava a aplicação do programa. O objetivo do estudo era avaliar se ocorreriam mudanças nos programas realizados pelos terapeutas, no conhecimento e comportamento dos pais, além de mudanças no comportamento da criança após o treino a distância.

De acordo Wainer e Ingersoll (2013), os resultados do estudo indicaram que houve melhora no desempenho dos pais e profissionais em relação ao conhecimento a respeito do treino de imitação recíproca, avaliado através de um “*quiz*” desenvolvido pelos pesquisadores (média de 68,89% de acerto da linha de base e 89,44% no pós treino). Todas as terapeutas apresentaram melhora na fidedignidade da implantação do programa entre a linha de base e o pós treino. Duas das três mães que participaram do estudo alcançaram grau significativo de fidedignidade na aplicação do treino apenas com a utilização do software, no entanto, uma das mães precisou de uma sessão extra com um especialista para treinar a aplicação do programa para alcançar a fidedignidade necessária para implantação. Todas as crianças que fizeram duplas com as terapeutas e demonstravam baixos níveis de imitação na linha de base tiveram aumento na taxa de imitação após o treino do terapeuta. Duas das três crianças que fizeram duplas com suas mães demonstraram aumento na taxa de imitação após a realização do treinamento via software online das mães, já a terceira criança apresentou aumento na taxa de imitação apenas após a realização de uma sessão extra da mãe com um especialista para treino de aplicação do programa. O estudo apresentado por Wainer e Ingersoll (2013), evidenciou a eficácia de um programa de ensino a distância para capacitação de pais e profissionais para utilização de intervenções para crianças com TEA. No entanto, de acordo com os

autores, demonstrou também a necessidade de estudos futuros se preocuparem com programas de formação de apoio interativo que proporcionassem feedbacks mais imediatos para os participantes.

Borba (2014), conduziu estudo para avaliação da eficácia de ensino de habilidades básicas – tais como: imitação, sentar, atentar ao ser chamado pelo nome, imitação e espera – via cuidadores a crianças com diagnóstico de TEA. Para o ensino dos cuidadores foram realizadas sessões práticas e conceituais além de supervisões semanais.

Para realização das sessões conceituais que abordaram assuntos como: características do autismo e ensino de análise aplicado do comportamento, foi utilizada uma cartilha realizada pela própria autora. A realização de tal cartilha mostra-se de extrema importância, uma vez que evidencia as estratégias utilizadas pela autora para o ensino, assim como disponibiliza a estudo futuros a utilização de tal material e posterior comparação dos resultados obtidos.

Os resultados apresentados por Borba (2014) evidenciam efetividade do programa proposto sendo eficaz não só em produzir o ensino de habilidades básicas via ensino de cuidadores, como também a generalidade e manutenção dos novos comportamentos adquiridos pelas crianças.

1.3 Objetivos

Considerando a importância do treino de pais para o tratamento de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA), e os aspectos discutidos até aqui - necessidade da utilização de medidas diretas para observação da relação entre os comportamentos dos pais e filhos, falta de precisão nas descrições apresentadas sobre a intervenção utilizada para orientar os pais, ênfase no ensino de estratégias para lidar com comportamentos problemáticos *versus* ensino de características a respeito do espectro, o presente trabalho tem como objetivos descrever e avaliar um programa de treino de pais cujo foco é ensinar os pais a realizarem hipóteses funcionais a respeito dos comportamentos disruptivos de seus filhos. No presente trabalho pretende-se avaliar a eficácia de um programa de treino de pais elaborado com base nos programas já descritos na literatura. Para tanto será avaliado se o programa alterará o comportamento dos pais em relação ao comportamento dos filhos, tornando esses pais capazes de analisar a função dos comportamentos dos filhos, e de aumentar a frequência da utilização reforçamento

positivo para os comportamentos adequados dos filhos. Também será avaliado o comportamento dos filhos em relação aos pais, principalmente se haverá redução da frequência de comportamentos disruptivos e aumento a frequência de comportamentos adequados.

Conforme foi descrito ao longo da introdução, o método do presente trabalho preocupou-se em produzir e utilizar medidas de observação direta, visando o acesso a dados que poderiam ser perdidos se avaliados somente através de escalas com medidas auto relatadas. Visando o avanço em relação as pesquisas até então apresentadas, o método do presente trabalho procurou garantir a avaliação continua do processo a fim de verificar a eficácia de cada uma das etapas apresentadas.

Método

2.1 Participantes:

Os participantes do estudo foram três casais, pais de crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista (TEA).

Foram escolhidos pais de crianças que apresentassem comportamentos disruptivos evidentes, tais como: birras, desobediência (Bearss et al., 2015) comportamento auto lesivo ou heterolesivo (Bearss et al., 2015; Iwatta, Dorsey, Slifer, Bauman & Richman, 1994).

Para que os pais fossem recrutados como participantes, as crianças deveriam estar sob acompanhamento de uma equipe que atendesse sobre os pressupostos da Análise do Comportamento Aplicada.

Duas características principais guiaram a escolha dos participantes:

- 1- Pais que, segundo a equipe de atendimento da criança, tivessem dificuldades para seguir as instruções passadas pela equipe (2 casais).
- 2- Crianças que apresentassem comportamentos disruptivos que, de acordo com a equipe de atendimento, fossem considerados barreiras para aprendizagem.

Antes do início da pesquisa, os pais receberam um termo de consentimento livre esclarecido (TCLE) que descrevia, nos termos da Resolução 466/2012, os objetivos da pesquisa, assim como os riscos envolvidos e a possibilidade de abandonar a pesquisa no momento que julgassem necessário sem que isso sinalizasse a suspensão da intervenção proposta caso tivessem interesse em continuar (ANEXO 12).

2.2 Local e Material:

O estudo transcorreu na casa das famílias, conforme descrito adiante.

Os materiais utilizados para as sessões de treino de pais foram: lousa, caneta para lousa, computador, Folhas de Registro e Lições de casa elaboradas pela pesquisadora e disponíveis nos apêndices do presente estudo, material para ensino de pais elaborado pela própria pesquisadora.

Para as avaliações, foram necessários os seguintes materiais: equipamentos eletrônicos com a finalidade de filmagem (câmera filmadora SONY HDR CX440), Folha de Registro elaborada pela pesquisadora (ANEXO 11).

2.3 Variáveis Dependentes:

- As principais variáveis dependentes avaliadas foram as respostas dos pais de manejo do comportamento problema dos filhos: comentários restritivos, apresentação de demandas repetitivas, utilização de reforço positivo contingente a comportamentos adequados, utilização de reforço positivo contingente a comportamentos inadequados.

Foram definidos como comentários restritivos: verbalização realizadas pelos pais em direção a criança que utilize palavras como “Não”, “Pare”, “Assim não”, “Não faça”, “Agora não”.

Apresentação de demandas repetitivas foram definidas como: número de vezes que os pais repetem a mesma instrução até que a criança cumpra o que foi solicitado.

Utilização de reforço positivo contingente a comportamentos inadequados foi definida como: utilização de itens tangíveis ou sociais pelos pais, contingentes ao comportamento disruptivo da criança de forma que tais itens pudessem aumentar a probabilidade da criança se comportar daquela maneira no futuro.

Utilização de reforço positivo contingente a comportamentos adequados: utilização de itens tangíveis ou sociais pelos pais contingentes a respostas adequadas da criança de forma que tais itens pudessem aumentar a probabilidade da criança se comportar daquela determinada maneira no futuro.

A frequência dessas respostas foi medida a partir do registro de ocorrência a cada 1 minuto durante os 15 minutos iniciais e finais de cada hora em cada uma das Etapas realizadas.

- Houve também uma variável dependente indireta que se refere à frequência de comportamentos disruptivos apresentados pela criança. Tal frequência foi medida a partir do registro de ocorrência de comportamentos disruptivos a cada 1 minuto durante os 15 minutos iniciais e finais de cada hora em cada uma das Etapas realizadas.

2.4. Procedimento:

2.4.1 Características gerais do procedimento:

Conforme representado na Figura 1, o procedimento de orientação de pais foi realizado em 4 etapas. No início e no final de cada etapa houve avaliação do repertório comportamental dos pais e de seus filhos.

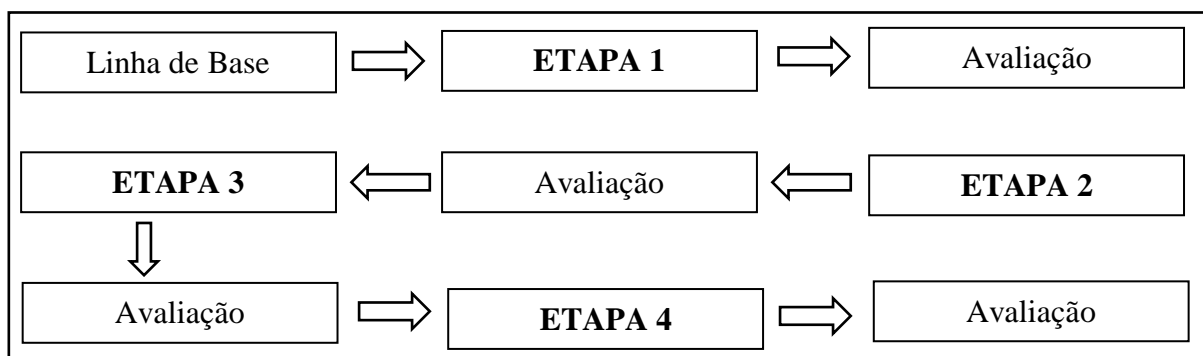


Figura 1. Representação gráfica do procedimento destacando avaliação e intervenção (Etapa 1, 2, 3 e 4).

A avaliação realizada consistiu em observação direta pela pesquisadora. Tal observação foi realizada através da filmagem de 32 horas de interação entre pais e filhos antes e depois de cada Etapa (conforme figura apresentada acima). A câmera foi instalada na casa dos participantes de acordo com a descrição dos pais à pesquisadora em relação aos locais em que se davam a maioria das interações entre eles e seus filhos.

As 32 horas de filmagem referentes à avaliação foram utilizadas não apenas para avaliação da efetividade do procedimento como também como material para as sessões que foram realizadas com os pais. A duração dos vídeos utilizados nas sessões variou de acordo com a seleção dos comportamentos relevantes feita pela pesquisadora.

A partir das filmagens produzidas na avaliação foram registradas a) as ocorrências de comportamento disruptivo do filho, assim como a b) frequência da utilização de comentários restritivos pelos pais, c) frequência da apresentação de demandas repetitivas pelos pais e d) frequência da utilização de reforço positivo contingente a comportamentos adequados (quaisquer comportamentos que sejam incompatíveis com a emissão do comportamento disruptivo) do filho.

A observação da ocorrência ou não do comportamento disruptivo do filho ocorreu a cada um minuto. Tal decisão foi tomada, visando facilitar o registro e evitando possíveis discordâncias entre observadores em relação ao início e término de um comportamento disruptivo. Já os comportamentos dos pais – apresentação de demandas repetitivas, utilização de comentários restritivos e utilização de reforço positivo contingente a comportamentos adequados do filho – foram registrados todas as vezes que acontecerem durante todo o período da observação.

2.4.2 Descrição das Etapas:

Etapa 1: Como olhar para o comportamento do meu filho	Etapa 2: Aprendendo sobre Análise do Comportamento	Etapa 3: Aprendendo a realizar hipóteses funcionais sobre o comportamento do meu filho	Etapa 4: Aprendendo estratégias para o manejo do comportamento problema.
Sessão 1: Observar as respostas emitidas pela criança	Sessão 1: Conceitos da Análise do Comportamento	Sessão 1: Exemplos de reforçamento positivo	Sessão 1: Modelação
Sessão 2: Observar as consequências produzidas pelas respostas emitidas pela criança	Sessão 2: Conceitos da Análise do Comportamento +Treino de registro na tríplice contingência 01	Sessão 2: Exemplos de reforçamento negativo	Sessão 2: Levantamento de Hipóteses Funcionais
Sessão 3: Observar os possíveis antecedentes das respostas da criança	Sessão 3: Treino de registro na tríplice contingência 02	Sessão 3: Exemplos de reforçamento automático	Sessão 3: Levantamento de Hipóteses Funcionais/Observação do próprio comportamento

Figura 3. Apresentação dos objetivos gerais de cada etapa a partir das sessões propostas.

Os três casais de pais foram separados em 2 grupos:

Grupo A (pais tiveram exemplos com vídeos da interação com o filho desde a Etapa 1) – 2 casais.

Grupo B (pais tiveram exemplos com vídeos da interação com filho apenas na Etapa 3. Para esse grupo de pais, até a Etapa 3, foram utilizados vídeos encontrados na internet.) – 1 casal.

2.4.2.1 ETAPA 1: Como olhar para o comportamento do meu filho

Grupo A:

Objetivo: Essa etapa teve como objetivo ensinar os pais a observarem os comportamentos de seus filhos e o ambiente em que esses comportamentos acontecem. Foi dada ênfase ao comportamento dos pais como parte do ambiente do filho.

Descrição: A Etapa 1 foi composta por 3 sessões realizadas na casa de cada casal. Cada sessão teve duração estimada de 1 hora e 30 minutos. O intervalo entre as sessões foi semanal assim como foi de uma semana o intervalo entre as etapas.

A Sessão 1 teve como objetivo que ao final os pais estivessem aptos para atentar a respostas com diferentes topografias apresentadas pelo filho.

Durante a sessão, enquanto assistiam ao Vídeo 1 – que foi editado pela pesquisadora e apresentava mostras de comportamentos disruptivos e adequados da criança, os pais registraram de maneira cursiva na Folha de Registro 1, apresentada no ANEXO 1, as respostas emitidas pelo filho que aparecem no vídeo e foram selecionadas pela pesquisadora.

Após o registro realizado pelos pais das respostas observadas, a pesquisadora avaliou com eles as respostas registradas: foram observadas apenas respostas relacionadas aos comportamentos disruptivos, ou não? Caso a pesquisadora observasse que os pais atentaram apenas para uma topografia específica de comportamento (seja essa relacionada ou não ao comportamento disruptivo alvo) eram dados feedbacks verbais que descreviam as outras topografias presentes. Esses feedbacks tinham como objetivo que os pais pudessem olhar para diferentes formas de comportamento dos seus filhos.

Lição de Casa 1.1: a partir da observação do Vídeo 1 realizada na Sessão 1, e da avaliação com a pesquisadora das respostas observadas, os pais deveriam assistir ao vídeo em casa novamente, produzindo um novo registro (ANEXO 2). O objetivo da Lição de Casa 1.1 foi que, a partir da conversa com a pesquisadora e da segunda observação do

Vídeo 1, os pais pudessem, sem a presença da pesquisadora, atentar aos comportamentos do filho a fim de identificar diferentes topografias de resposta.

Caso os pais chegassem à Sessão 2 sem realizar a lição de casa, era solicitado pela pesquisadora que a atividade fosse realizada na sessão para em seguida poder dar continuidade à atividade da Sessão 2. Após a entrega da lição de casa, a pesquisadora apresentava aos pais uma lista das respostas observadas por ela a partir do vídeo, destacando quais respostas os pais conseguiram ou não descrever. A partir da apresentação dessa lista, foi descrito aos pais se eles conseguiram ou não observar os principais comportamentos presentes nos vídeos, estando eles relacionados ou não ao comportamento disruptivo alvo. Todas as mães realizaram as atividades de casa solicitadas, no entanto, o mesmo não foi observado em relação aos pais. Foi necessário esperar que os 3 pais realizassem a lição de casa na sessão.

A Sessão 2 teve como objetivo que os pais observassem as consequências produzidas pelas respostas dos filhos que foram registradas na lição de casa. A pesquisadora escolheu cenas do Vídeo 1 a partir do registro de cada casal de pais, de maneira que cada situação fosse observada separadamente. Os pais foram instruídos pela pesquisadora a descrever o que aconteceu depois da resposta emitida pela criança na Folha de Registro 2 (ANEXO 3). A terapeuta utilizou dicas como: “Observe o que mudou no ambiente”, “Observe qual foi o comportamento da pessoa que está interagindo com a criança nesse momento”, “Observe o que vocês (pais) fizeram depois da resposta do seu filho” de acordo com a situação analisada. Tal procedimento foi repetido até que os pais acertassem pelo menos a descrição de 8 das 10 situações apresentadas.

A Sessão 3 teve como objetivo que os pais observassem os possíveis antecedentes para as respostas dos filhos. Para isso, a pesquisadora selecionou cenas do Vídeo 1 e orientou os pais para que descrevessem o que estava ocorrendo no ambiente antes que a resposta acontecesse. A terapeuta forneceu dicas como “Observe qual foi o comportamento da pessoa que está interagindo com a criança nesse momento”, “Observe o que vocês (pais) fizeram antes da resposta do seu filho”. Os pais registraram suas observações na Folha de Registro 3 (ANEXO 4). Tal procedimento foi repetido até que os pais acertassem pelo menos a descrição de oito das 10 situações apresentadas.

Grupo B:

A Etapa 1 foi realizada para o Grupo B da mesma maneira que foi realizada para o Grupo A. No entanto, o vídeo utilizado para o Grupo B nessa Etapa não foi da interação entre os pais e seus filhos e sim um vídeo retirado da internet. Nas sessões dois e três as mesmas dicas foram dadas aos pais, no entanto, foi orientado que eles observassem o comportamento dos pais da criança no vídeo e não seus próprios comportamentos.

2.4.2.2 ETAPA 2: Aprendendo sobre Análise do Comportamento

Grupo A:

Objetivo: Essa etapa teve como objetivo ensinar aos pais os principais conceitos de análise do comportamento e permitir que esses pais conseguissem identificar os conceitos apresentados nos comportamentos dos filhos.

Descrição: A Etapa 2 foi composta por três sessões realizadas na casa dos participantes.

A Sessão 1 e a sessão 2 tiveram como objetivo apresentar aos pais conceitos de análise do comportamento sendo eles:

- Análise do comportamento: resposta, evento antecedente e evento consequente.
- Fortalecimento do comportamento.
- Enfraquecimento do comportamento.
- Modelagem, modelação e ensino por regra.
- DRO

A escolha dos conceitos descritos acima se deu a partir da cartilha produzida por Borba (2014), cujo material será utilizado como base para o material que será produzido pela pesquisadora para ensino de análise do comportamento aos pais (ANEXO 13).

A Sessão 2 também teve como objetivo que os pais descrevessem na Folha de Registro 4 alguns comportamentos disruptivos e alguns comportamentos adequados de seus filhos utilizando o registro na tríplice contingência (ANEXO 5).

A Sessão 3 teve como objetivo que os pais registrassem na tríplice contingência 10 novos comportamentos do próprio filho apresentados em vídeo pela pesquisadora.

Estavam programadas sessões extras para caso os pais não apresentassem acerto em pelo menos 8 das 10 situações apresentadas. No presente trabalho não foi necessária sessão extra para nenhum dos participantes.

GRUPO B:

A Etapa 2 foi realizada para o Grupo B da mesma maneira que foi realizada para o Grupo A. No entanto, os vídeos utilizados para o Grupo B nessa Etapa não foram da interação entre os pais e seus filhos e sim um vídeo retirado da internet.

2.4.2.3 ETAPA 3: Aprendendo a realizar hipóteses funcionais sobre o comportamento do meu filho

GRUPO A:

Objetivo: Essa etapa teve como objetivo ensinar os pais a realizarem hipóteses funcionais a respeito dos comportamentos dos filhos.

Descrição: A Etapa 3 foi composta por três sessões, todas realizadas individualmente.

A Sessão 1 teve como objetivo ensinar e exemplificar aos pais situações em que o comportamento é mantido por reforçamento positivo. Os pais foram instruídos a olhar para o que acontece com a frequência do comportamento após o uso de diferentes consequências. Para a realização dessa sessão a pesquisadora utilizou vídeos retirados da internet (ANEXO 6) que evidenciassem situações de reforçamento positivo. Durante a observação dos vídeos os pais deveriam preencher a Folha de Registro 5 elaborada pela pesquisadora (ANEXO 7).

A Sessão 2 teve como objetivo ensinar e exemplificar aos pais situações em que o comportamento pode ser mantido por reforçamento negativo. Os pais foram instruídos a olhar para o que acontece com a frequência do comportamento diante de diferentes consequências. Para a realização dessa sessão a pesquisadora utilizou vídeos retirados da internet (ANEXO 8) que evidenciassem situações de reforçamento negativo. Durante a

observação dos vídeos, os pais preencheram a Folha de Registro 5 elaborada pela pesquisadora (ANEXO 7).

A Sessão 3 teve por objetivo ensinar e exemplificar aos pais situações em que o comportamento é mantido por reforçamento automático. Os pais foram instruídos a olhar para o que acontece com a frequência do comportamento diante de diferentes consequências. Para a realização dessa sessão a pesquisadora utilizou vídeos retirados da internet que evidenciassem possíveis situações de reforçamento automático. Durante a observação dos vídeos, os pais preencheram a Folha de Registro 5 elaborada pela pesquisadora (ANEXO 7).

GRUPO B:

A Etapa 3 foi realizada para o Grupo B da mesma maneira que foi realizada para o Grupo A. No entanto, os vídeos utilizados para o Grupo B nessa Etapa não foram retirados da internet e sim eram amostras da interação entre os pais e seus filhos. Vale ressaltar que diferentemente do Grupo A, na Etapa 3 foi a primeira vez que foram apresentados aos pais exemplos e vídeos da interação deles com seus filhos.

2.4.2.4 ETAPA 4: Aprendendo estratégias para o manejo do comportamento problema.

GRUPO A:

Objetivo: Teve como objetivo auxiliar os pais a identificarem as variáveis de seus comportamentos que produziram mudanças nos comportamentos dos filhos, desenvolvendo estratégias para manejo do comportamento problema.

Descrição: Foi composta por 3 sessões a serem realizadas na casa do participante.

A Sessão 1, teve como objetivo que os pais observassem a interação entre a pesquisadora e a criança e descrevessem as consequências apresentadas pela pesquisadora diante dos comportamentos disruptivos da criança. Enquanto observavam, os pais preenchiam a Folha de Registro 6 fornecida pela pesquisadora (ANEXO 9).

A Sessão 2, utilizou os registros realizados na Etapa 3, para que os pais avaliassem quais mudanças poderiam ser feitas em seus comportamentos e quais seriam as possíveis mudanças nos comportamentos dos filhos. A pesquisadora discutiu com os pais todas as

situações, uma de cada vez, auxiliando-os com dicas verbais para identificação de novas estratégias. As dicas apresentadas descreviam o comportamento do filho na situação observada e qual foi a consequência apresentada pelos pais enfatizando o efeito sobre o comportamento do filho.

A Sessão 3, utilizou trechos dos Vídeos 3 e 4 para que os pais avaliassem quais mudanças poderiam ser feitas em seus comportamentos e quais seriam as possíveis mudanças nos comportamentos dos filhos. Diferentemente do que foi feito na Sessão 2, em que as dicas verbais foram apresentadas durante a execução da tarefa, nessa sessão, os pais só discutiram com a pesquisadora a respeito de suas respostas ao final da atividade, de maneira que a pesquisadora pudesse atrasar a dica verbal fornecida.

GRUPO B:

A Etapa 4 foi realizada para o Grupo B da mesma maneira que foi realizada para o Grupo A. Assim como na Etapa 3, na Etapa 4 o Grupo B também teve acesso aos vídeos dos comportamentos dos próprios filhos.

Resultados

A seguir serão apresentados os dados obtidos na linha de base e após cada etapa da intervenção realizada para cada um dos participantes.

3.1 Participante 1:

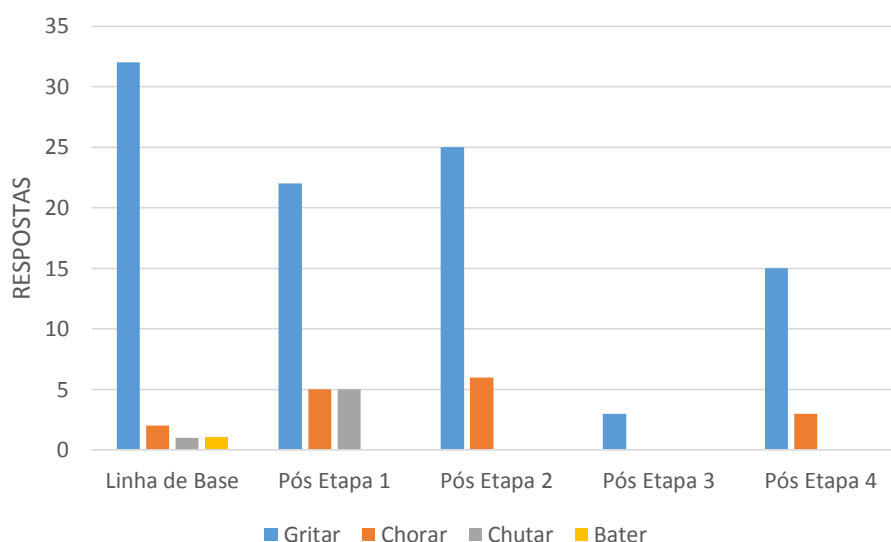


Figura 3. Comportamento Disruptivo - Linha de Base e Intervenção P1

Conforme podemos observar na Figura 3, o procedimento mostrou-se eficaz para diminuir a frequência de comportamentos disruptivos. As respostas de gritar de P1, por exemplo, reduzem de 32 ocorrências na linha de base para 15 após a Etapa 4. Observa-se também que durante a intervenção a menor frequência da resposta de gritar foi após a Etapa 3, apenas três ocorrências.

Em relação à resposta de chorar, é possível observar que há um discreto aumento de frequência da linha de base (duas respostas) para a observação realizada após a Etapa 4 (três respostas). É importante destacar que após a Etapa 1 as respostas de chorar aumentaram de frequência em relação a Linha de Base, passando de duas respostas para cinco. Tal aumento continua após a Etapa 2 com seis ocorrências. Assim como ocorreu com as respostas de gritar, a menor frequência observada da resposta de chorar foi após a Etapa 3.

As respostas de chutar apresentaram aumento de frequência após a Etapa 1, de uma ocorrência na Linha de Base para cinco ocorrências após a Etapa 1, e em seguida diminuíram de frequência deixando de ocorrer após as Etapas 2, 3 e 4.

Já a resposta de bater só foi observada na Linha de Base.

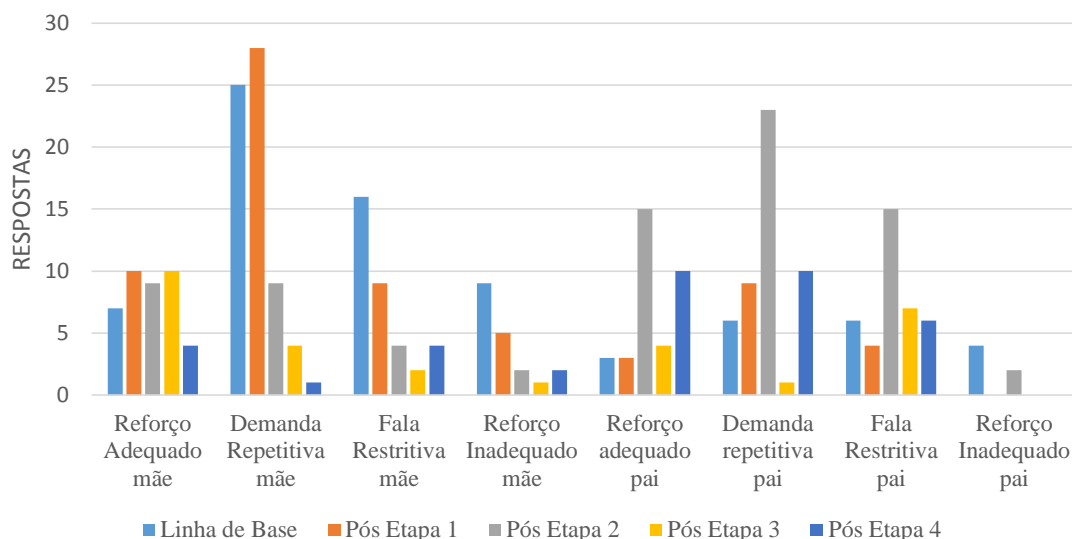


Figura 4. Comportamento dos Pais: Reforço adequado mãe ou pai (reforço a comportamentos adequados da criança pela mãe ou pai), Demanda Repetitiva mãe ou pai (apresentação de demandas repetitivas pela mãe ou pai), Fala Restritiva mãe ou pai (apresentação de falas restritivas pela mãe ou pai), Reforço Inadequado mãe ou pai (reforço a comportamentos inadequados pela mãe ou pai), – Linha de Base e Intervenção P1.

Em relação ao comportamento dos pais, podemos observar que a mãe apresentou queda nas respostas de reforçar positivamente comportamentos adequados do filho da Linha de Base para a Etapa 4 (sete ocorrências na linha de base para quatro ocorrências após a Etapa 4). Nas demais Etapas 1, 2 e 3 houve aumento das respostas de reforçar positivamente comportamentos adequados do filho se comparadas à Linha de Base.

Já o pai, apresentou aumento nas respostas de reforçar positivamente comportamentos adequados do filho da Linha de Base a Etapa 4 (três ocorrências na linha de Base e 10 ocorrências na Etapa 4). A maior ocorrência de respostas de reforçar positivamente comportamentos adequados do filho ocorreu após a Etapa 2.

As respostas da mãe de apresentar demanda repetitiva ao filho diminuíram de frequência ao compararmos a Linha de Base com a Etapa 4 (de 25 ocorrências para uma ocorrência). Tal diminuição ocorreu de maneira gradual ao longo das Etapas 2, 3 e 4, após aumento na Etapa 1. Já em relação as respostas do pai de apresentar demanda repetitiva

ao filho, observou-se aumento de frequência ao compararmos a Linha de Base com a Etapa 4 (de seis ocorrências para 10 ocorrências). A maior ocorrência de respostas do pai de apresentar demanda repetitiva ao filho ocorreu após a Etapa 2.

Em relação a utilização de falas restritivas observa-se que na Etapa 4 a mãe de P1 apresentou queda na ocorrência dessas respostas em relação à Linha de Base (de 16 ocorrências para quatro ocorrências), já o pai apresentou o mesmo número de respostas nas duas fases (seis ocorrências).

As respostas da mãe e do pai de reforçar positivamente comportamentos inadequados do filho diminuíram de frequência na Etapa 4 quando comparadas à Linha de Base. No caso da mãe, tais respostas apresentam queda gradual nas Etapas 1, 2 e 3 (cinco, duas e uma respectivamente) e voltam a ocorrer duas vezes após a Etapa 4. Já no caso do pai, tais respostas deixam de ocorrer após a Etapa 1, voltando a ocorrer duas vezes após a Etapa 2 e novamente deixam de ocorrer nas Etapas 3 e 4.

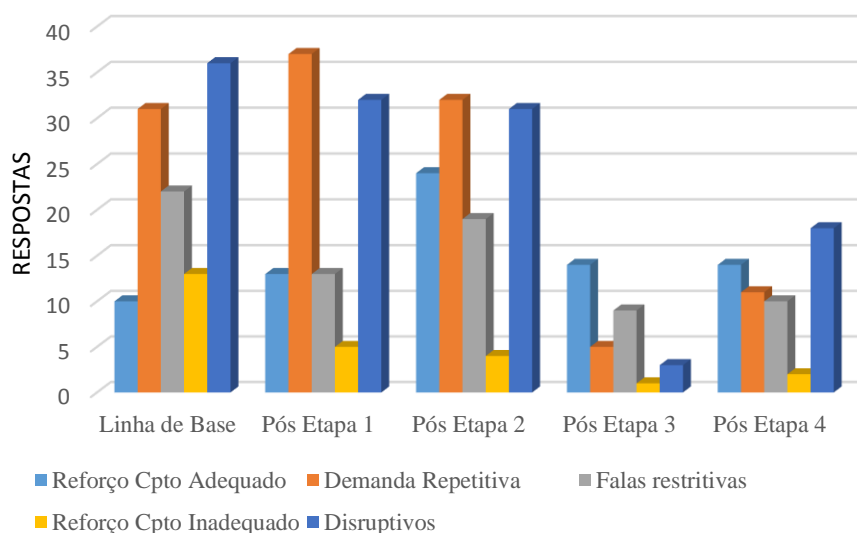


Figura 5. Comportamento dos Pais e Comportamentos Disruptivos da Criança- Linha de Base e Intervenção P1.

A Figura 5 apresenta a soma das interações dos pais com a criança, assim como a soma das topografias de comportamentos disruptivos da criança. Optou-se por apresentar o dado dessa forma, uma vez que ao longo do procedimento ficou claro que os pais se revezam entre quem tomava a frente no cuidado com a criança. Além disso, sob a perspectiva da criança, independente de se foi o pai ou a mãe, a mesma tem seus

comportamentos adequados, por exemplo, sendo reforçados. Dessa forma, a Figura acima parece mostrar uma síntese dos ganhos obtidos para P1 com o procedimento realizado.

Analisando a Figura 5 é possível observar que houve aumento das respostas dos pais de reforçar positivamente comportamentos adequados da criança (10 ocorrências na Linha de Base para 14 ocorrências após a Etapa 4), diminuição das respostas de apresentar ao filho demandas repetitivas (de 31 ocorrências na Linha de Base para 11 ocorrências após a Etapa 4), diminuição das respostas dos pais de apresentar falas restritivas ao filho (22 ocorrências na Linha de Base para 10 ocorrências após Etapa 4) e diminuição das respostas dos pais de reforçar positivamente comportamentos inadequados da criança (de 13 ocorrências na Linha de Base para duas ocorrências após a Etapa 4).

Já em relação aos comportamentos disruptivos do filho, observa-se redução da frequência dessas respostas ao longo da intervenção (36 ocorrências para 18 ocorrências).

Por fim, é importante observar que nas Etapas 3 e 4 ocorreu uma queda no número de interações entre pais e P1.

3.2 Participante 2

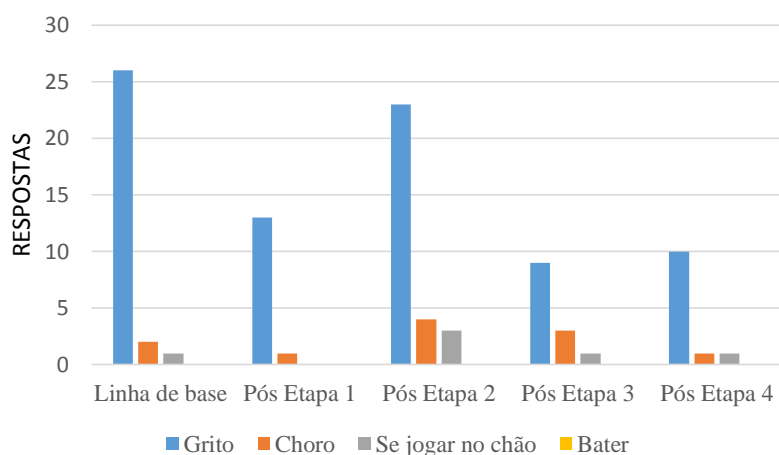


Figura 6. Comportamento Disruptivo - Linha de Base e Intervenção P2

Conforme podemos observar na Figura 6, o procedimento mostrou-se eficaz para diminuir a frequência de comportamentos disruptivos de P2. As respostas de gritar do participante, por exemplo, reduzem de 26 ocorrências na Linha de Base para 10 após a Etapa 4. Observa-se também que durante a intervenção, a menor frequência da resposta de gritar foi após a Etapa 3, apenas nove ocorrências, assim como ocorreu com P1.

Em relação à resposta de chorar, é possível observar que há diminuição da frequência da Linha de Base (duas respostas) para a observação realizada após a Etapa 4 (uma resposta). É importante destacar que após a Etapa 2 as respostas de chorar aumentaram de frequência em relação a Linha de Base de duas respostas para quatro. Diferentemente do que ocorreu com as respostas de gritar, a menor frequência observada da resposta de chorar foi após a Etapa 4.

As respostas de se jogar no chão apresentaram aumento de frequência após a Etapa 2, de uma ocorrência na Linha de Base para três ocorrências após a Etapa 2, e em seguida diminuíram de frequência voltando a ocorrer apenas uma vez na Etapa 4, assim como tinha sido observado na Linha de Base.

A resposta de bater está entre as respostas observadas, devido ao relato dos pais de que esse era um comportamento disruptivo que ocorria com frequência, no entanto, como podemos observar na Figura 6 não há ocorrência de tal resposta nem mesmo na linha de base.

É interessante observar que após a Etapa 2 há aumento de todos os comportamentos disruptivos de P2 se comparadas as frequências observadas nas Etapas 1, 3 e 4.

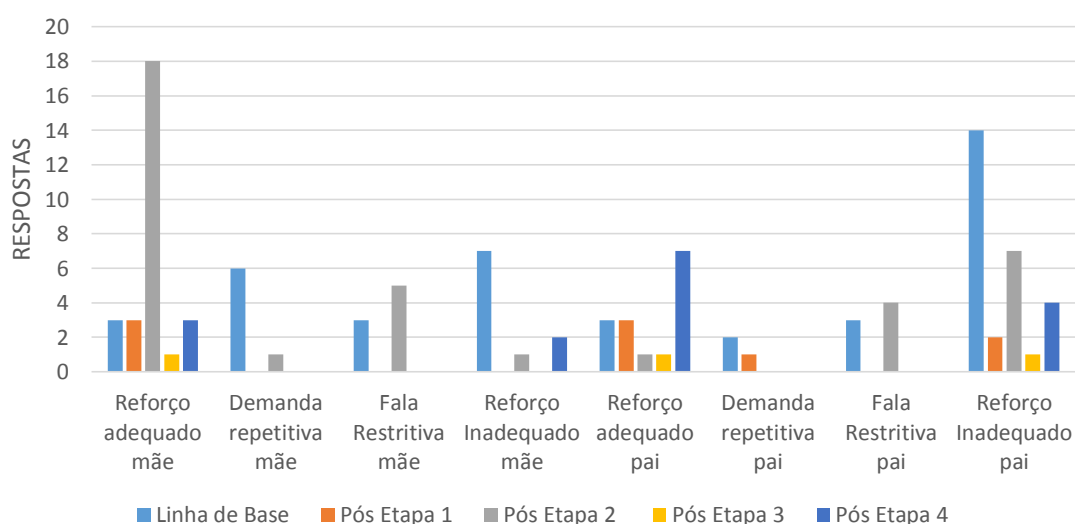


Figura 7. Comportamento dos Pais: Reforço adequado mãe ou pai (reforço a comportamentos adequados da criança pela mãe ou pai), Demanda Repetitiva mãe ou pai (apresentação de demandas repetitivas pela mãe ou pai), Fala Restritiva mãe ou pai (apresentação de falas restritivas pela mãe ou pai), Reforço Inadequado mãe ou pai (reforço a comportamentos inadequados pela mãe ou pai), – Linha de Base e Intervenção P2.

Em relação ao comportamento dos pais, podemos observar que a mãe não apresentou alteração nas respostas de reforçar positivamente comportamentos adequados do filho da Linha de Base para a Etapa 4 (três ocorrências na linha de base para três ocorrências após a Etapa 4). Após a Etapa 2 observa-se aumento significativo (18 ocorrências) das respostas da mãe de reforçar positivamente comportamentos adequados do filho se comparadas à Linha de Base e Etapas 1, 3 e 4. A menor frequência de respostas da mãe de reforçar positivamente comportamentos adequados do filho foi observada após a Etapa 3 (uma ocorrência).

Já o pai apresentou aumento nas respostas de reforçar positivamente comportamentos adequados do filho da Linha de Base para a Etapa 4 (três ocorrências na Linha de Base e sete ocorrências na Etapa 4). Foi após a Etapa 4, inclusive, que ocorreu a maior frequência de respostas de reforçar positivamente comportamentos adequados do filho. Diferentemente da mãe, que apresentou após a Etapa 2 a maior frequência de reforçar comportamentos adequados do filho, o pai apresentou a menor frequência dessas respostas nessa etapa (uma ocorrência apenas), mantendo a mesma frequência na Etapa 3.

As respostas da mãe de apresentar demanda repetitiva ao filho diminuíram de frequência ao compararmos a Linha de Base com a Etapa 4 (de seis ocorrências para nenhuma ocorrência). Tal diminuição já ocorreu na Etapa 1, apresentando discreto aumento após a Etapa 2 e deixando de ocorrer novamente após a Etapa 3.

Assim como a mãe, o pai também apresentou diminuição na frequência de apresentar demanda repetitiva ao filho, se compararmos a Linha de Base com a Etapa 4 (de duas ocorrências para nenhuma ocorrência). Tal redução começa a ser observada já na Etapa 1, quando ocorre apenas uma resposta de apresentar demanda repetitiva ao filho e após a Etapa 2 já deixam de ocorrer, permanecendo ausente após as Etapas 3 e 4.

Em relação à utilização de falas restritivas, observa-se que na Etapa 4 tanto a mãe como o pai de P2 apresentaram queda na ocorrência dessas respostas em relação à Linha de Base (de três ocorrências na Linha de Base para nenhuma ocorrência após Etapa 4). Ambos também apresentaram maior frequência de falas restritivas após a Etapa 2, se comparadas à Linha de Base e demais etapas. Vale lembrar que, conforme mostra a Figura

4, há um aumento significativo na frequência de comportamentos disruptivos se comparado às demais Etapas.

As respostas da mãe e do pai de reforçar positivamente comportamentos inadequados do filho diminuíram de frequência na Etapa 4 quando comparadas à Linha de Base. No caso da mãe, tais respostas deixaram de ser apresentadas após a Etapa 1 e 3 e foram observadas em menor frequência se comparadas à Linha de Base nas Etapas 2 e 4 (uma e duas ocorrências respectivamente). Já no caso do pai, durante a intervenção as respostas de reforçar positivamente comportamentos inadequados do filho aparecem em maior frequência após a Etapa 2 (sete ocorrências). Tal observação pode justificar o dado já descrito anteriormente que refere-se ao aumento significativo de comportamentos disruptivos após a Etapa 2.

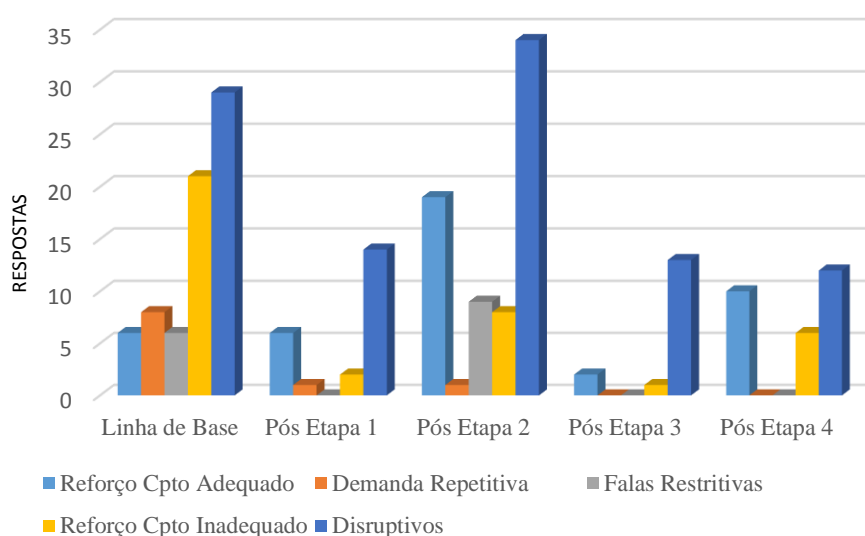


Figura 8. Comportamento dos Pais e Comportamentos Disruptivos da Criança- Linha de Base e Intervenção P2.

Diferentemente do que ocorreu com P1, observou-se no caso de P2 que muitas vezes as interações da mãe e do pai com a criança se sobrepunham. Apesar dessa diferença considerou-se importante apresentar os dados considerando a soma das interações dos pais com a criança, assim como a soma das topografias de comportamentos disruptivos da criança, levando em conta, mais uma vez, a perspectiva da criança, que teve seus comportamentos adequados ou inadequados sendo reforçados, por exemplo. Dessa forma, a Figura 8 parece mostrar com maior clareza os ganhos obtidos para P2 com o procedimento realizado.

Analisando a Figura 8, é possível observar que houve aumento das respostas dos pais de reforçar positivamente comportamentos adequados da criança (seis ocorrências na Linha de Base para 10 ocorrências após a Etapa 4), diminuição das respostas de apresentar ao filho demandas repetitivas (oito ocorrências na Linha de Base para nenhuma ocorrência após a Etapa 4), diminuição das respostas dos pais de apresentar falas restritivas ao filho (seis ocorrências na Linha de Base para nenhuma ocorrência após Etapa 4) e diminuição das respostas dos pais de reforçar positivamente comportamentos inadequados da criança (de 21 ocorrências na Linha de Base para seis ocorrências após a Etapa 4).

Já em relação aos comportamentos disruptivos do filho, observa-se redução da frequência dessas respostas se comparada Linha de Base com Etapa 4 (29 ocorrências para 12 ocorrências).

Os dados coletados após a Etapa 2 permitem a observação de que mesmo com o aumento da frequência da resposta dos pais de reforçar positivamente comportamentos adequados da criança e com a diminuição da frequência das respostas dos pais de reforçar positivamente comportamentos inadequados da criança, houve aumento dos comportamentos disruptivos de P2.

Por fim, é importante observar que nas Etapas 1, 3 e 4 ocorreu uma queda no número de interações. Tal queda nas interações coincidem com as etapas em que a criança apresentou menores taxas de comportamentos disruptivos.

3.3 Participante 3

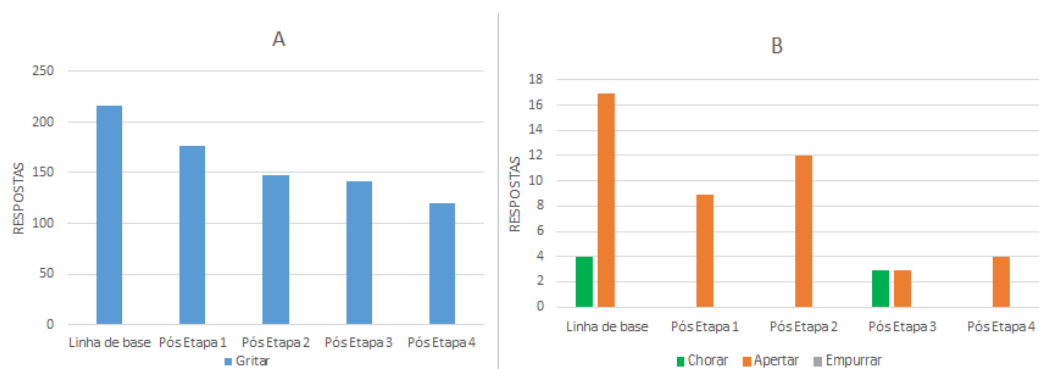


Figura 9. Na figura A são apresentadas as respostas de gritar de P3 ao longo das diferentes fases do procedimento. Na Figura B são apresentados os demais comportamentos disruptivos apresentados pela criança ao longo das fases do procedimento.

Devido a elevada frequência de respostas de gritar apresentadas por P3, optou-se por apresentar os comportamentos disruptivos em dois gráficos separados na Figura 9, facilitando a visualização dos resultados obtidos.

Na esquerda, o Gráfico A da Figura 9 evidencia que o procedimento foi eficaz para diminuir os comportamentos de gritar da criança. Conforme pode ser observado, na Linha de Base P3 apresentou 216 ocorrências de gritar e finalizou a intervenção apresentando 120 ocorrências desse comportamento. Apesar da alta frequência observada ainda após a Etapa 4 a diminuição foi equivalente a 44,4% da frequência registrada na Linha de Base.

A Figura 9 permite também a observação de que a menor queda na frequência do comportamento de gritar ocorreu entre o pós Etapa 2 e o pós Etapa 3. Tal dado se destaca, uma vez que, conforme descrito no Método, foi nessa Etapa em que os pais de P3 começam a assistir vídeos do próprio filho.

O Gráfico B da Figura 9 permite a visualização das demais topografias de comportamento disruptivo observadas. Assim como foi descrito em relação as respostas de gritar, o Gráfico B evidencia que o procedimento proposto foi eficaz também para a diminuição das demais topografias de comportamento disruptivo. As respostas de apertar, por exemplo, reduzem de 17 ocorrências na Linha de Base para quatro ocorrências após a Etapa 4. Pode-se observar ainda que após a Linha de Base a maior frequência de respostas de apertar se deu após a Etapa 2 (12 ocorrências). A menor frequência da resposta de apertar foi observada na Etapa 3, diferentemente do que havia sido observado com a resposta de gritar.

Em relação às respostas de chorar, podemos observar redução da Linha de Base para Etapa 4 na medida em que a frequência observada na Linha de Base é de quatro ocorrências e após a Etapa 4 nenhuma resposta com essa topografia é observada. É possível identificar que a maior frequência de respostas de chorar se deu após a Etapa 3 (três ocorrências).

A resposta de empurrar está entre as respostas observadas, devido ao relato dos pais de que esse era um comportamento disruptivo que ocorria com frequência, no entanto, como podemos observar na Figura 9, não há ocorrência de tal resposta nem mesmo na linha de base.

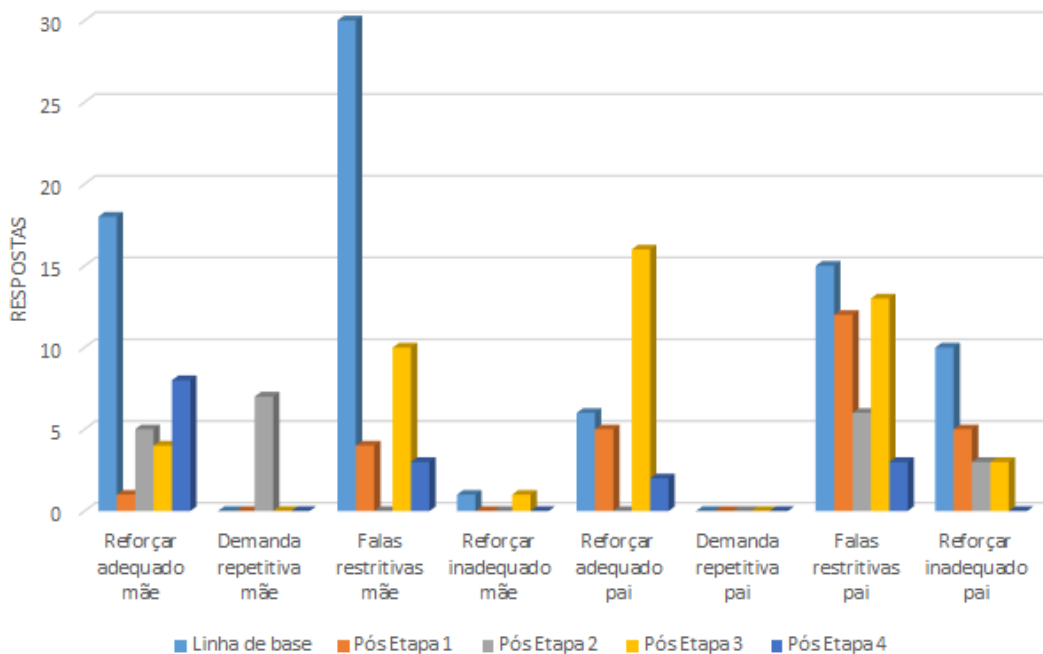


Figura 10. Comportamento dos Pais: Reforço adequado mãe ou pai (reforço a comportamentos adequados da criança pela mãe ou pai), Demanda Repetitiva mãe ou pai (apresentação de demandas repetitivas pela mãe ou pai), Fala Restritiva mãe ou pai (apresentação de falas restritivas pela mãe ou pai), Reforço Inadequado mãe ou pai (reforço a comportamentos inadequados pela mãe ou pai), – Linha de Base e Intervenção P3.

Em relação ao comportamento dos pais, podemos observar que a mãe apresentou queda na frequência de respostas de reforçar positivamente comportamentos adequados do filho da Linha de Base para a Etapa 4 (18 ocorrências na linha de base para oito ocorrências após a Etapa 4). A menor frequência de respostas da mãe de reforçar positivamente comportamentos adequados do filho foi observada após a Etapa 1 (uma ocorrência).

O pai, assim como a mãe, apresentou queda nas respostas de reforçar positivamente comportamentos adequados do filho da Linha de Base a Etapa 4 (seis ocorrências na linha de Base e duas ocorrências após a Etapa 4). A maior frequência de respostas de reforçar positivamente comportamentos adequados do filho ocorreu após a Etapa 3 (16 ocorrências).

As respostas da mãe de apresentar demanda repetitiva ao filho se mantiveram ausentes se comparada a Linha de Base com a Etapa 4. A ocorrência dessas respostas foi observada apenas após a Etapa 2 (sete ocorrências).

Assim como ocorreu com a mãe, não se observou respostas do pai de fornecer demandas repetitivas ao filho.

Em relação a utilização de falas restritivas observa-se que na Etapa 4 tanto a mãe quanto o pai de P3 apresentaram queda na ocorrência dessas respostas em relação à Linha de Base (de 30 ocorrências na Linha de Base para três ocorrências após Etapa 4 no caso da mãe e de 15 ocorrências para três no caso do pai). Considerando apenas a intervenção (Etapas 1, 2, 3 e 4) ambos também apresentaram a maior frequência de falas restritivas após a Etapa 3. Vale lembrar que, conforme foi descrito no Método, foi na Etapa 3 que os pais passaram a ver o vídeo do próprio filho, além disso, conforme mostra a Figura 10, há um aumento na frequência das respostas de chorar se comparada às demais Etapas e uma redução significativa das respostas de apertar após essa Etapa.

As respostas da mãe e do pai de reforçar positivamente comportamentos inadequados do filho diminuíram de frequência na Etapa 4 quando comparadas à Linha de Base. No caso da mãe, tais respostas deixaram de ser apresentadas após a Etapa 1 e 2 e foram observadas novamente na Etapa 3 (uma ocorrência) deixando de ocorrer novamente na Etapa 4. Já no caso do pai, durante a intervenção, as respostas de reforçar positivamente comportamentos inadequados do filho foram diminuindo de frequência gradativamente ao longo da intervenção, apresentando uma redução de 10 ocorrências na Linha de Base para nenhuma ocorrência após a Etapa 4.

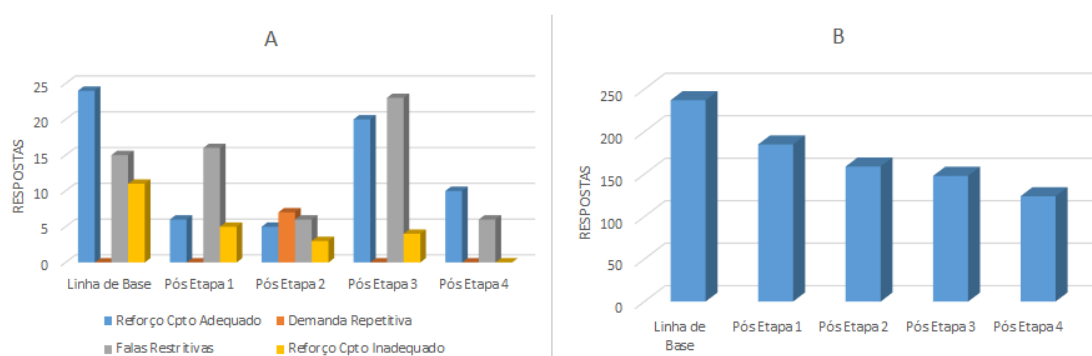


Figura 11. Na Figura A são apresentados os comportamentos somados de pai e mãe para cada categoria observada, divididas ao longo das diferentes etapas do experimento. Na Figura B estão apresentados os comportamentos disruptivos de P3 ao longo das diferentes etapas.

Na Figura 11 A apresenta-se a soma das interações dos pais com a criança, assim como a soma das topografias de comportamentos disruptivos da criança. Assim como foi

descrito anteriormente em relação a P1, optou-se por apresentar o dado dessa forma pois observou-se que os pais se revezam entre quem tomava a frente no cuidado com a criança. Além disso, sob a perspectiva da criança, independentemente se foi o pai ou a mãe, a mesma tem seus comportamentos adequados, por exemplo, sendo reforçados. Dessa forma, a Figura acima parece mostrar com maior clareza os ganhos obtidos para P3 com o procedimento realizado.

Analisando a Figura 11 A, é possível observar que diferentemente do que ocorreu com P1 e P2, observa-se diminuição das respostas dos pais de reforçar positivamente comportamentos adequados da criança (de 24 ocorrências na Linha de Base para 10 ocorrências após a Etapa 4). As respostas de apresentar ao filho demandas repetitivas, continuaram ausentes, assim como observado na Linha de Base, tendo um aumento de frequência apenas após a Etapa 2 (sete ocorrências). Observa-se também, diminuição das respostas dos pais de apresentar falas restritivas ao filho (de 15 ocorrências na Linha de Base para seis ocorrências após Etapa 4) e diminuição das respostas dos pais de reforçar positivamente comportamentos inadequados da criança (de 11 ocorrências na Linha de Base para nenhuma ocorrência após a Etapa 4).

Já em relação aos comportamentos disruptivos de P3, observa-se redução da frequência dessas respostas ao longo da intervenção (237 ocorrências na linha de base para 124 ocorrências após a Etapa 1).

A observação dos vídeos de P3 possibilitou a conclusão de que as falas restritivas poderiam ser consideradas como um estímulo aversivo para a criança, na medida, em que quando eram apresentadas pelos os pais, faziam com que o comportamento disruptivo cessasse imediatamente. No entanto, logo em seguida, quando os pais voltavam para suas atividades, o comportamento voltava a aparecer muitas vezes em uma frequência ainda maior, evidenciando um dos efeitos possíveis do uso de punição.

Os dados obtidos a partir dos questionários de satisfação dos pais (ANEXO 10) serão apresentados a seguir:

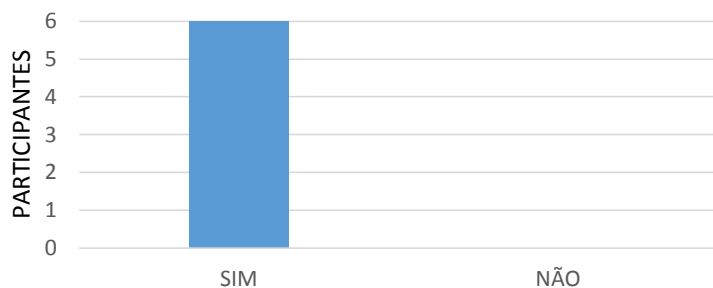


Figura 12. Resposta dos pais diante da pergunta “O programa de orientação de pais lhe ajudou a se tornar mais confiante em relação as suas condutas com seu filho?”

Conforme podemos observar na Figura 12, os seis participantes (três casais) relatam sentir-se mais confiantes em relação as condutas com seus filhos.

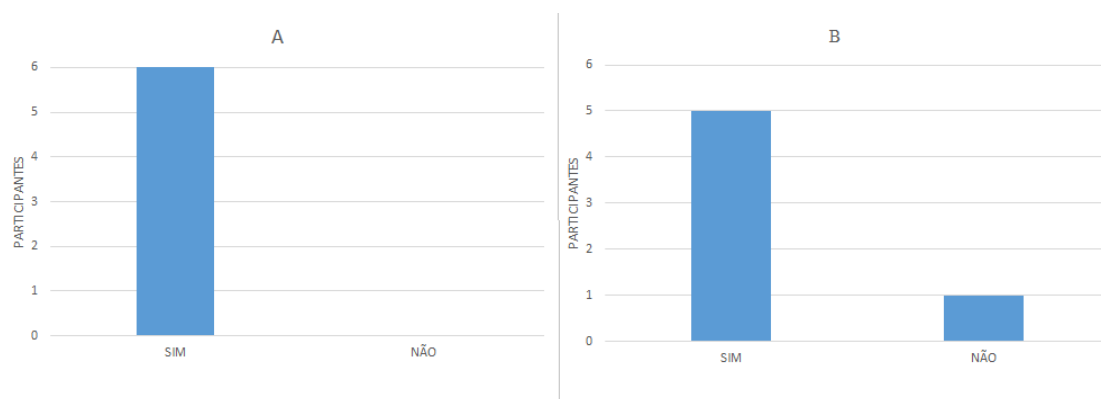


Figura 13. Na figura A são apresentadas as respostas do pais à pergunta “O programa de orientação de pais lhe ajudou a observar respostas adequadas do seu filho que antes do programa não te chamavam a atenção? ”. Na figura B são apresentadas as respostas dos pais à pergunta “O programa de orientação de pais lhe ajudou a identificar alguns comportamentos disruptivos (inadequados) do seu filho que antes do programa não te chamavam atenção? ”.

Conforme podemos observar na figura A, todos os participantes relataram encerrar o programa sendo capazes de observar novas respostas adequadas de seus filhos. A figura B aponta que apenas um dos seis participantes não considera que o programa o ajudou a identificar comportamentos disruptivos do seu filho que antes do programa não o chamavam a atenção.

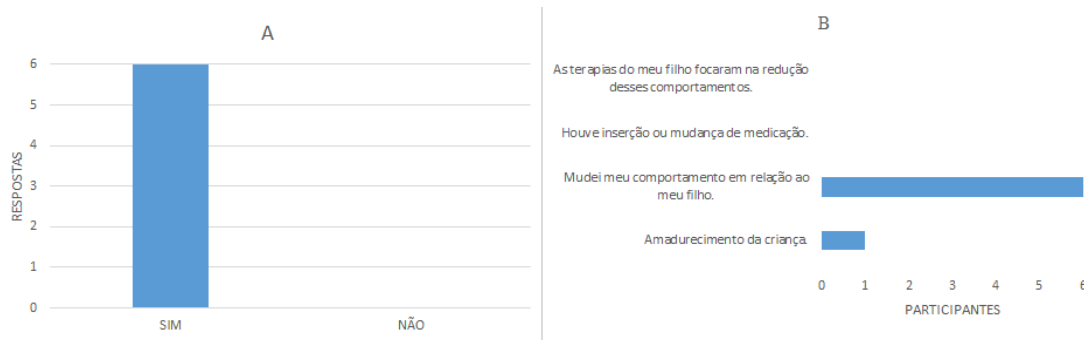


Figura 14. Na figura A são apresentadas as respostas à pergunta “Você considera que os comportamentos disruptivos (inadequados) diminuiram de frequência em relação a antes do início do programa de orientação de pais? ”. Na figura B são apresentadas as respostas à pergunta “A que você atribui a diminuição da frequência de comportamentos disruptivos (inadequados)? ”.

A Figura A apresentada acima evidencia que de acordo com a percepção de todos pais (seis participantes) houve redução dos comportamentos disruptivos do filho ao longo do programa proposto. A Figura B mostra que os seis pais atribuíram essa redução da frequência de comportamentos disruptivos de seus filhos ao fato deles terem mudado seus comportamentos em relação aos filhos. Apenas um participante atribuiu essa queda na frequência dos disruptivos a aumento da maturidade da criança.



Figura 15. Na Figura A são apresentadas as respostas à pergunta “Você considera que os comportamentos adequados de seu filho aumentaram de frequência em relação ao início do programa de orientação de pais? ”. Na Figura B são apresentadas as respostas à pergunta “A que você atribui o aumento de frequência de comportamentos adequados? ”.

Podemos observar que a Figura A indica que todos os pais relatam identificar aumento na frequência de comportamentos adequados se comparado ao início do programa de orientação de pais. Na Figura B podemos observar que a maior parte dos

pais (quatro participantes) atribui esse aumento de frequência de comportamentos adequados a mudanças em seus comportamentos em relação a seu filho. Vale ressaltar que os pais poderiam marcar mais de uma alternativa, caso achassem necessário.

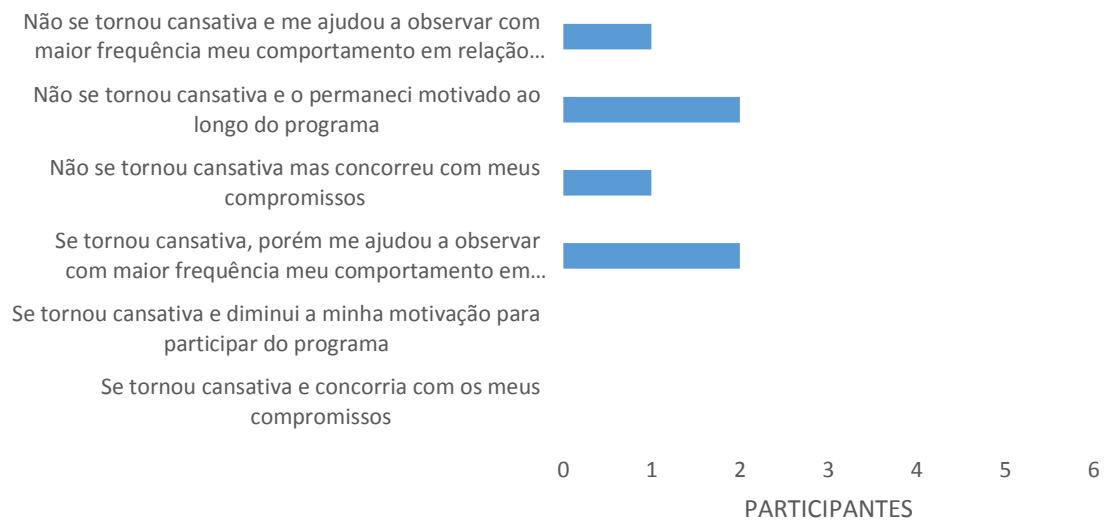


Figura 16. Resposta dos pais diante da pergunta “Em relação a frequência semanal de treino de pais, você considera que:”.

Conforme podemos observar na Figura 16, quatro dos seis participantes não consideraram cansativa a frequência semanal de treino, enquanto dois participantes relataram ter considerado cansativa tal frequência.

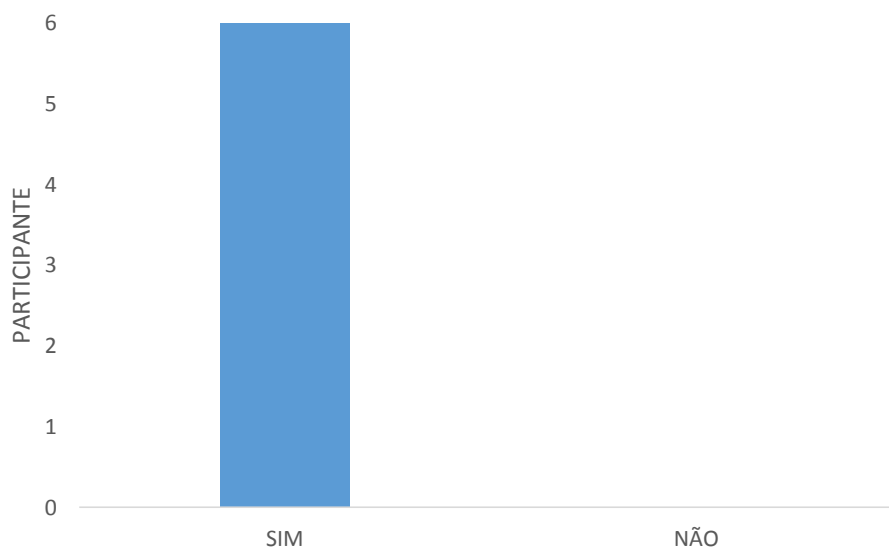


Figura 17. Respostas dos pais diante da pergunta “Você indicaria esse programa como um recurso importante para os pais e seus filhos?”.

Discussão

Conforme apresentado na Introdução, o objetivo do presente trabalho foi o de descrever e avaliar um programa de treino de pais cujo o foco foi o de ensinar os pais a realizarem hipóteses funcionais a respeito dos comportamentos disruptivos de seus filhos. Para isso, algumas perguntas guiaram a análise dos dados: o programa altera o comportamento dos pais em relação ao comportamento dos filhos? Há aumento da frequência de utilização de reforço positivo contingente a comportamentos adequados dos filhos? Há redução de comportamentos inadequados dos filhos?

Os resultados encontrados indicam que o procedimento parece ter sido eficaz em ensinar os pais de P1 e P2 a reforçarem positivamente comportamentos adequados, mas não reforçarem comportamentos inadequados dos filhos, além de diminuir o uso de falas restritivas para redução de comportamentos inadequados.

É importante observar que nas Etapas 3 e 4 ocorreu uma queda no número de interações entre P1, P2 e seus respectivos pais. No caso de P1, podemos levantar duas hipóteses para tal fato. A primeira é que com a queda dos comportamentos disruptivos as falas restritivas (punição) também diminuiram de frequência e os pais não aprenderam reforçar positivamente novos comportamentos adequados na mesma frequência em que puniam comportamentos inadequados. Por outro lado, também é possível hipotetizar que as medidas escolhidas para análise não foram suficientes para evidenciar outros comportamentos adequados dos pais que passaram a ocorrer após a intervenção. Foi possível observar, por exemplo, através das filmagens, que os pais passaram a ficar mais tempo com o filho, assistindo televisão ou jogando um eletrônico, assim como aumentaram a frequência de algumas brincadeiras físicas como cócegas ou pega a pega. No caso de P2, também pode-se levantar a mesma hipótese já descrita no caso de P1, de que as medidas escolhidas para análise não foram suficientes para evidenciar outros comportamentos adequados dos pais que passaram a ocorrer após a intervenção. Além disso, também é possível levantar outra hipótese de que a maior parte das interações com a criança se davam quando a mesma apresentava comportamento disruptivo e que quando esse diminuiu de frequência outras interações não são colocadas no lugar. Tal hipótese poderia indicar que o procedimento foi eficaz para ensinar como enfraquecer comportamentos disruptivos mas não apresentou a mesma eficácia para o ensinar os pais

a fortalecer outros comportamentos adequados. Nas filmagens foi possível observar que a criança passa grande parte do tempo em frente à televisão assistindo a um único desenho, os pais permanecem no mesmo ambiente que a criança (sala da casa), mas fazem suas coisas. Inicialmente, grande parte das interações ocorriam logo em seguida a algum comportamento disruptivo da criança, quando os pais começavam a oferecer coisas a ela, como água, controle da televisão, troca de fralda etc. Com a intervenção, os pais começaram a não se direcionar à criança mais quando os comportamentos disruptivos ocorriam e passaram a esperar para que a criança apontasse para o que queria. Caso a criança não fizesse nenhuma solicitação e continuasse assistindo à televisão sem emitir comportamentos disruptivos, mesmo após a intervenção os pais permaneciam conversando entre si e fazendo suas atividades.

Para P3, apesar do procedimento ter se mostrado eficaz para ensinar os pais a não reforçarem comportamentos inadequados não mostrou a mesma eficácia para ensinar os pais a reforçar comportamentos adequados. A observação das filmagens realizadas com P3 permite que a hipótese levantada anteriormente (para P1 e P2) de que, as medidas escolhidas para análise não tenham sido suficientes para evidenciar outros comportamentos adequados dos pais, seja fortalecida. Apesar de observar-se a redução de reforço positivo a comportamentos adequados da criança, observou-se também que os pais estavam mais atentos a outros comportamentos que costumavam ocorrer antes dos comportamentos disruptivos, o que permitia que eles interagissem com a criança antes que o problema se agravasse. A maior parte dos comportamentos disruptivos da criança ocorriam após situações de frustração (quando recebia um não, não conseguia passar de fase no vídeo game ou tinha problemas com a conexão da internet). Após a Etapa 3, os pais passaram a oferecer ajuda logo que a criança começava a apresentar alguns sinais de agitação como (andar pela sala, aumento de estereotipia). Tal conduta evitava que o comportamento disruptivo acontecesse e possibilitava a diminuição das respostas dos pais de reforçar positivamente comportamentos inadequados. É possível levantar a hipótese de que os pais conseguiram fazer tal mudança em seus comportamentos pois aprenderam, durante o procedimento a observar e identificar possíveis antecedentes as respostas do filho. Conforme foi descrito no Método foi a partir da Etapa 3 que esses participantes passaram a observar o comportamento do próprio filho, o que talvez justifique o uso de falas restritivas como “não começa”, “chega”, “pode parar” quando começavam a observar sinais de que algum comportamento disruptivo poderia ocorrer. A redução das

falas restritivas após a Etapa 4, talvez possa ser justificada pela observação dos pais da sessão com a pesquisadora seguida da observação do próprio comportamento e proposta de análise do que poderia ser alterado e que consequência isso produziria no comportamento do filho.

Os resultados encontrados também parecem indicar que o procedimento se mostrou eficaz para redução dos comportamentos disruptivos dos três participantes indo de encontro aos resultados encontrados por Bearss et al. (2013) e evidenciando que o tratamento direto com os pais pode produzir efeito sobre o comportamento da criança.

Os dados coletados para P2 após a Etapa 2 permitem a observação de que mesmo com o aumento da frequência da resposta dos pais de reforçar positivamente comportamentos adequados da criança e com a diminuição da frequência das respostas dos pais de reforçar positivamente comportamentos inadequados da criança, houve aumento dos comportamentos disruptivos de P2. Tal fato poderia ser explicado pelo aumento do uso de falas restritivas nessa etapa. Considerando a dificuldade de comunicação dessa criança e o pobre repertório de ouvinte observado, podemos levantar a hipótese de que para P2 tais falas não têm caráter aversivo e sim reforçador o que justificaria o fortalecimento dos comportamentos disruptivos observados nessa etapa. Dessa maneira, além do programa ter se mostrado eficaz em ensinar os pais a reforçarem positivamente comportamentos adequados e não reforçarem comportamentos inadequados, conforme já foi descrito anteriormente, parece ter se mostrado eficaz também em ensinar aos pais a identificarem o efeito de falas restritivas no comportamento do filho, tornando-os capazes de utilizar outras estratégias para o enfraquecimento do comportamento disruptivo.

A análise dos dados de P3 permitem observar redução da resposta de chorar da Linha de Base para Etapa 4. É possível identificar que a maior frequência de respostas de chorar se deu após a Etapa 3 (três ocorrências). Considerando que as respostas de gritar e chorar ocorriam normalmente logo antes das respostas de apertar (resposta essa que, de acordo com o relato dos pais é a que mais os incomoda) poderíamos levantar a hipótese de que após assistir ao próprio vídeo os pais passaram a intervir quando tais respostas começavam a aparecer, evitando que chegasse a ocorrer as respostas de apertar, o que justificaria também o aumento de falas restritivas dos pais na Etapa 3.

Considerando os dados até aqui apresentados é possível afirmar que, apesar das medidas adotadas não terem avaliado diretamente se os pais tornaram-se capazes de realizar

hipóteses funcionais a respeito dos comportamentos de seus filhos, observou-se que os mesmos tornaram-se capazes de lidar com alterações dos comportamentos dos filhos de maneira adequada, enfraquecendo o comportamento problema. Tal resultado vai de encontro com a afirmação de Zazula e Haydu (2011) que um programa de treino de pais deve ensinar aos pais como manipular contingências ambientais na interação com seus filhos, aumentando a probabilidade de que eles ajam de modo mais eficaz em situações difíceis.

Conforme apontado por Haden et al. (2013), medidas de observação direta permitem a medição do comportamento em nível individual, o que é extremamente vantajoso em relação a utilização de escalas de avaliação, uma vez que estas têm conjuntos de comportamento pré selecionados e que podem não identificar com precisão alterações individuais e a interação de pais e filhos. As medidas de observação direta utilizadas no presente trabalho mostraram-se eficazes para identificar alterações de comportamento das crianças e de seus pais. Um exemplo do sucesso das medidas diretas utilizadas e que possivelmente não seria possível de se identificar com a utilização de escalas de avaliação foi a observação de que, o programa proposto produziu em algumas fases redução no número de interações entre os pais e seus filhos. Estudos futuros devem se atentar a essa questão, produzindo medidas de observação direta capazes de identificar outros comportamentos adequados dos pais que possam ter passado a ocorrer com o procedimento, a fim de verificar se as medidas do presente estudo não foram suficientes ou se a diminuição das interações é decorrente do próprio procedimento proposto.

As medidas escolhidas permitiram também a identificação de padrões de interação entre os pais (interações que se complementam e se sobrepõe). A identificação desses padrões auxiliou a pesquisadora a levantar hipóteses a respeito dos dados obtidos. Escalas de avaliação padronizadas possivelmente não permitiriam a identificação desses padrões. Como sugerido anteriormente por Handen et al (2013) , sugere-se que estudos futuros priorizem a avaliação dos dados por um avaliador que não tenha conhecimento da intervenção realizada, afim de avaliar se os padrões de interação são evidentes a quaisquer avaliadores e que, portanto, as medidas utilizadas são eficazes para avaliá-los, ou se tal padrão fica evidente apenas para os que tem acesso a intervenção realizada.

Ao longo da tabulação dos dados, observou-se que algumas respostas que os pais afirmaram ocorrer com frequência não foram identificadas durante o procedimento. De acordo com o relato dos pais, tais respostas ocorreram em frequência muito baixa durante

o procedimento. Tal dado, indica que pesquisas futuras devem atentar para o fato de que as medidas escolhidas e a amostra selecionada para análise de dados podem não ser eficazes para avaliação de respostas de baixa frequência.

Conforme já descrito anteriormente, assistir ao vídeo do próprio filho desde o início do procedimento e assistir ao vídeo de outras crianças até a Etapa 3 e só então passar a assistir o vídeo do próprio filho foi uma das variáveis manipuladas no presente estudo. Considerando os resultados de P3 pode-se levantar a hipótese de que não assistir o vídeo do filho desde o início do procedimento dificultou que os pais ficassem sob controle dos comportamentos adequados de seus filhos e reduzissem a frequência de reforço a comportamentos adequados. Observa-se que após a Etapa 3 (em que os pais de P3 viram o vídeo do próprio filho) a frequência de respostas dos pais de reforçarem comportamentos adequados dos filhos aumentou significativamente em relação as Etapas 1 e 2 (19, cinco e quatro respectivamente). Além disso, foi possível identificar também que assistir ao vídeo do próprio filho parece ter facilitado que os pais de P3 identificassem pré correntes das respostas de apertar (que eram as respostas que mais o incomodavam). Vale ressaltar que tal variável foi testada apenas com um casal de pais, o que dificulta a comparação do dado. Sugere-se que estudos futuros garantam uma coleta em cada condição de forma a contemplar as exigências de delineamentos de grupo.

Os dados do presente trabalho evidenciam que o procedimento proposto está de acordo com a preocupação levantada por Borba (2014) de que um programa de ensino parental deveria garantir que os pais aprendessem a mudar não só o comportamento da criança como também seus próprios comportamentos, vistos que esses interferem diretamente no ambiente da criança.

Diferentemente dos dados encontrados por Bearss et al. (2013) a respeito da aceitação da lição de casa, o presente estudo encontrou dificuldade na aceitação dos pais a essa ferramenta de ensino. Observou-se que os pais não faziam as lições propostas, ou a faziam minutos antes da sessão com a pesquisadora. Nas sessões da Etapa 1, quando a lição não era feita a pesquisadora aguardava até que os pais a fizessem para dar início a sessão. No entanto, observou-se que muitas vezes isso gerava desconforto entre o casal, principalmente quando um dos pais havia feito a lição com antecedência e o outro não. Por essa razão, ao longo das etapas seguintes a pesquisadora optou por deixar de utilizar a lição de casa como ferramenta de ensino.

Assim como proposto por Bearss et al. (2013), o presente estudo realizou um questionário de satisfação dos pais, que incluiu perguntas sobre o conteúdo, número de sessões, ferramentas utilizadas para o ensino (vídeo do próprio filho, vídeo de outras crianças, descrições por escrito do comportamento do meu filho, apresentação sobre conceitos da análise do comportamento aplicada, treino de registro na tríplice contingência, modelo da pesquisadora interagindo com o filho), mudanças observadas no comportamento dos filhos e nível de confiança dos pais para lidar com futuros problemas de comportamento do filho. E assim como os resultados encontrados pelos autores, no presente trabalho os seis participantes relataram sentir-se mais confiantes para lidar com situações futuras.

Levando em consideração todos os dados apresentados nessa discussão podemos concluir que o programa de ensino de pais proposto no presente trabalho foi eficaz em ensinar os pais a observarem o comportamento de seus filhos, sendo capaz de fazer alterações ambientais (tais como a mudança de seus próprios comportamentos; aumentar o uso de reforço positivo a respostas adequadas, diminuir uso de reforço positivo a respostas inadequadas e diminuir uso de falas restritivas) que produzissem mudanças nos comportamentos de seus filhos tais como a redução de comportamentos disruptivos. Além disso, o presente trabalho preocupou-se em utilizar medidas de observação direta para avaliação dos resultados obtidos além de descrever com precisão o procedimento utilizado conforme lacunas apontadas pela literatura da área.

Referências

- Aman, M.G., Singh N.N., Stewart A.W., Field C.J (1985). The aberrant behavior checklist: a behavior rating scale for the assessment of treatment effects. *Journal of Mental Deficiency Research*, 89(5), 485-491.
- Barkley, R.A., & Murphy, K.R. (1998). Attention Deficit Hyperactivity Disorder: A clinical Workbook. 2. New York: Guilford.
- Bearss, K., Johnson, C., Smith, T., Lecavalier, L., Swiezy, N., Aman, M., ... & Scahill, L. (2015). Effect of Parent Training vs Parent Education on Behavioral Problems in Children With Autism Spectrum Disorder. A Randomized Clinical Trial. *Journal American Medical Association*, 313(15), 1524-1533.
- Bearss, K., Lecavalier, L., Minshawi, N., Johnson, C., Smith, T., Handen, B., ... & Scahill, L. (2013). Toward an Exportable Parent Training Program for Disruptive Behaviors in Autism Spectrum Disorders. *Neuropsychiatry (London)*, 3(2), 169-180.
- Bearss, K., Johnson, C., Haden, B., Smith, T., & Scahill, L. (2013). A Pilot Study of Parent Training in Younh Children with Autism Spectrum Disorders and Disruptive Behavior. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 43, 829-840.
- Bernal, E.M., & North, J.A., (1978). A Survey of Parent Training Manuals. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 11(4), 533-544.
- Borba, M.M.C. (2014). *Intervenção ao Autismo Via Ensino de Cuidadores*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil.
- Center for Disease Control and Prevetion. *Autism Spectrum Disorder (ASD)*. Recuperado em 26 de fevereiro, 2015, de <http://www.cdc.gov/ncbddd/autism/data.html>
- Farmer, J., & Reupert, A. (2013). Understanding Autism and understanding my chid with Autism: An evaluation of a group parent education program in rural Australia. *The Ausralian Journal of Rural Health*, 21, 20-27.
- Fernandes, F.D.M. (2009). Famílias com crianças autistas na literatura internacional. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 14(3), 427-432.

- Fernandes, F.D.M., & Amato, C.A.H. (2013). Análise de Comportamento Aplicada e Distúrbios do Espectro do Autismo: revisão de literatura. *CoDAS*, 25(13), 289-96.
- Gadia, C.A., Tuchman, R., & Rotta N.T. (2004). Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. *Jornal de Pediatria* 80(2), S83-S94.
- Goulart, P., & Assis, G.J.A. (2002). Estudos sobre autismo em análise do comportamento: aspectos metodológicos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 4(2), 151-165.
- Handen, B.L., Johnson, C.R., Butter, E.M., Lecavalier, L., Scahill, L., Aman, M.G., McDougle, C.J., ... & Vitiello, B. (2013). Use of Direct Observational Measure in a Trial of Risperidone and Parent Training in Children with Pervasive Developmental Disorders. *Journal of Developmental and Physical Disabilities*, 25(3), 355-371.
- Hastings, R., & Johnson, E. (2001). Stress in UK families conducting intensive home-based behavioural interventions for their young child with autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 31(3), 327-336.
- Iwata, B.A., Dorsey, M.F., Slifer, K.J., Bauman, K.E., & Richman, G.S. (1994). Toward a Functional Analysis of Self-Injury. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 27(2), 197-209.
- Karst, J.S., & Hecke, A.V.V., (2012). Parent and Family Impact of Autism Spectrum Disorders: A Review and Proposed Model for Intervention Evaluation. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 15, 247-277.
- Klin, A., & Mercadante, M.T. (2006). Autismo e Transtornos Invasivos do Desenvolvimento. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(1), S1-2.
- Moura, C.B., & Silveira, E.F.M. (2008). O uso de vídeo em intervenções clínicas com pais: revisão da literatura e hipóteses comportamentais sobre seus efeitos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 144-161.
- Repp, A.C., Deitz, D.E.D., Boles, S.M., Deitz, S.M., & Repp, C.F. (1976). Differences among common methods for calculating interobserver agreement. *Journal of Applied Behaviors Analysis*, 9(1), 109-113.

- Robertson, R.S., Wehby, J.H., & King, S.M. (2013). Increased parent reinforcement of spontaneous requests in children with autism spectrum disorder: Effects on problem behavior. *Developmental Disabilities, 34*, 1069-1082.
- Schultz, T.R., Schimidt, C.T. & Sticher, J.P. (2011). A Review of Parent Education Programs for Parents of Children With Autism Spectrum Disorders. *Focus on Autism and Other Developmental Disabilities, 26*(2), 96-104.
- Schultz, T.R., Stichter, J.P., Herzog, M.J., McGhee, S.D., & Lierheimer, K. (2012). Social Competence Intervention for Parents (SCI-P): Comparing Outcomes for a Parent Education Program Targeting Adolescents with ASD. *Austim Research and Treatment 2012*, 1-10.
- Smith, T., Buch, G.A., & Gamby, T, E. (2000). Parent – directed, intensive early intervention for children with pervasive developmental disorders. *Research in Developmental Disabilities, 21*(4), 297-309.
- Stauss, K., Mancini, F., & Fava, L. (2013). Parent Inclusion in Eary Intensive Behavior Interventions for Young Children with ASD: A Synthesis of meta-analyses from 2009 to 2011. *Research in Developmental Disabilities, 34*, 2967-2985.
- Wainer, A.L., & Ingersoll, B.R. (2013). Disseminating ASD Interventions: A Pilot Study of a Distance Learning Program for Parents and Professionals. *Journal of Autism and Developmental Disorders, 43*, 11-24
- Zazula, R. & Haydu, V.B. (2011). Análise aplicada do comportamento e capacitação de pais: Revisão dos artigos publicados pelo Journal of Applied Behavior Analysis. *Acta Comportamentalia, 20*(1), 87-107.

ANEXOS

ANEXO 1

FOLHA DE REGISTRO - SESSÃO 1 – ETAPA 1

1. Observe o vídeo e registre os comportamentos do seu filho que você observa.

Comportamento 1:

Comportamento 2:

Comportamento 3:

Comportamento 4:

Comportamento 5:

Comportamento 6:

Comportamento 7:

Comportamento 8:

Comportamento 9:

Comportamento 10:

ANEXO 2

LIÇÃO DE CASA 1.1 – SESSÃO 1 - ETAPA 1

1. A partir da discussão realizada na sessão, assista novamente o vídeo fornecido pela terapeuta e registre os comportamentos do seu filho que você observa.

Comportamento 1:

Comportamento 2:

Comportamento 3:

Comportamento 4:

Comportamento 5:

Comportamento 6:

Comportamento 7:

Comportamento 8:

Comportamento 9:

Comportamento 10:

-
-
-
-
2. Após ter assistido ao vídeo pela segunda vez e ter discutido na sessão 1 com a terapeuta você identificou algum comportamento novo de seu filho que não havia observado na primeira vez? () SIM () NÃO

Em caso positivo, descreva qual comportamento foi esse. Se for o caso, você pode dar mais de um exemplo.

ANEXO 3

FOLHA DE REGISTRO 2 - SESSÃO 2– ETAPA 1

1. Observe a cena 1 apresentada pela terapeuta e complete:

a) Descreva o que mudou no ambiente depois da resposta da criança descrita pela terapeuta (preste atenção aos objetos que estavam ou não presentes, as pessoas que estavam ou não presente, se ocorre alguma mudança com algum item do ambiente, ex: a televisão estava ligada e em seguida foi desligada, uma lição de casa que estava sobre a mesa e agora está no lixo).

b) Descreva o comportamento das outras pessoas que interagem com a criança após a resposta escolhida pela terapeuta (preste atenção, se alguém fala com a criança, faz algum movimento em direção a criança, utiliza algum objeto da criança ou próximo a ela, se alguém que antes estava em outro cômodo agora está próximo a criança).

ANEXO 4

FOLHA DE REGISTRO 3 - SESSÃO 3– ETAPA 1

1. Observe a cena 1 apresentada pela terapeuta e complete:

a) Descreva como estava o ambiente antes da resposta da criança descrita pela terapeuta (preste atenção aos objetos que estavam ou não presentes, as pessoas que estavam ou não presente, se ocorre alguma mudança com algum item do ambiente, ex: a televisão estava ligada e em seguida foi desligada).

b) Descreva o comportamento das outras pessoas que interagem com a criança antes da resposta escolhida pela terapeuta (preste atenção, se alguém fala com a criança, faz algum movimento em direção a criança, utiliza algum objeto da criança ou próximo a ela).

ANEXO 5

FOLHA DE REGISTRO 4 - SESSÃO 2 – ETAPA 2

Participantes: _____

Data: ____/____/____

Horário da observação: _____

1. Descreva 3 situações em que seu filho apresentou qualquer comportamento que você julgou adequado. Em seguida, preencha a tabela, a partir da descrição realizada por você.

A-) Situação 1: _____

Situação Antecedente	Resposta	Consequência

B-) Situação 2: _____

Situação Antecedente	Resposta	Consequência

C-) Situação 3: _____

Situação Antecedente	Resposta	Consequência

2. Descreva 3 situações em que seu filho apresentou o comportamento disruptivo descrito acima. Em seguida, preencha a tabela, a partir da descrição realizada por você.

A-) Situação 1: _____

Situação Antecedente	Resposta	Consequência

B-) Situação 2: _____

Situação Antecedente	Resposta	Consequência

C-) Situação 3: _____

Situação Antecedente	Resposta	Consequência

ANEXO 6

VÍDEOS REFORÇO POSITIVO – SESSÃO 1 – ETAPA 3

Vídeo 1: https://www.youtube.com/watch?v=KAJx80_HtB8

Vídeo 2: https://www.youtube.com/watch?v=kG3xpMi_OyY

Vídeo 3: <https://www.youtube.com/watch?v=tLqkc5yF5OY>

Vídeo 4: https://www.youtube.com/watch?v=Nou1_7zDMoQ

Vídeo 5: <https://www.youtube.com/watch?v=PSWYS74pp54>

Vídeo 6: <https://www.youtube.com/watch?v=FalordTACx0>

Vídeo 7: https://www.youtube.com/watch?v=F2zk8Z3__qk

Vídeo 8: <https://www.youtube.com/watch?v=tKeZYjzzSmU>

Vídeo 9: <https://www.youtube.com/watch?v=FYU0Fb0JU84>

ANEXO 7

FOLHA DE REGISTRO 5 - SESSÃO 1, 2 E 3 – ETAPA 3

Participantes: _____

Data: ___/___/___

3. Descreva a situação observada no vídeo, preencha a tabela e em seguida descreva o que aconteceu com a resposta da criança (continuou ocorrendo, parou de ocorrer, passou a ocorrer em menor intensidade).

A- Vídeo 1: _____

Situação Antecedente	Resposta	Consequência

A resposta da criança

B- Vídeo 2: _____

Situação Antecedente	Resposta	Consequência

A resposta da criança

C- Vídeo 3: _____

Situação Antecedente	Resposta	Consequência

A resposta da criança

ANEXO 8

VÍDEOS REFORÇO NEGATIVO– SESSÃO 2 – ETAPA 3

Vídeo 1: <https://www.youtube.com/watch?v=I9T8hf8IEyw>

Vídeo 2: <https://www.youtube.com/watch?v=qQD1oE3K4Jk>

Vídeo 3: https://www.youtube.com/watch?v=KAJx80_HtB8

Vídeo 4: https://www.youtube.com/watch?v=d5kZ_Wjifow

Vídeo 5: <https://www.youtube.com/watch?v=cBBhWnuJYOI>

Vídeo 6: <https://www.youtube.com/watch?v=P8PH-dv3bYE>

Vídeo 7: <https://www.youtube.com/watch?v=jmQluBD2Hfo>

Vídeo 8: <https://www.youtube.com/watch?v=jmQluBD2Hfo>

Vídeo 9: <https://www.youtube.com/watch?v=tKeZYjzzSmU>

Vídeo 10: https://www.youtube.com/watch?v=KAJx80_HtB8

ANEXO 9

FOLHA DE REGISTRO 6 - SESSÃO 1– ETAPA 4

Participantes: _____

Data: ___/___/___

Situações escolhidas: _____

1. Preencha as tabelas abaixo a partir da observação da interação da pesquisadora com o seu filho nas situações determinadas por vocês antes do início da sessão. Em seguida, com base no que discutimos nas Etapas 1, 2 e 3, descreva qual o tipo de consequência apresentada pela terapeuta em relação a resposta do seu filho e procure justificá-la.

Situação A

Situação Antecedente	Resposta	Consequência

Situação B

Situação Antecedente	Resposta	Consequência

Situação C

Situação Antecedente	Resposta	Consequência

ANEXO 10

Participante: _____

AVALIAÇÃO DO PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO DE PAIS

1. O programa de orientação de pais lhe ajudou a se tornar mais confiante em relação as suas condutas com seu filho?

SIM

NÃO

Justificativa: _____

2. O programa de orientação de pais lhe ajudou a observar respostas adequadas do seu filho que antes do programa não te chamavam a atenção?

SIM

NÃO

Justificativa: _____

Caso tenha respondido **SIM** à pergunta 2, por favor, de exemplos de algumas dessas respostas: _____

3. O programa de orientação de pais lhe ajudou a identificar alguns comportamentos disruptivos (inadequados) do seu filho que antes do programa não te chamavam atenção?

SIM

NÃO

Justificativa: _____

Caso tenha respondido **SIM** à pergunta 3, por favor, de exemplos de alguns desses comportamentos:

4. De acordo com as suas observações você considera que os comportamentos disruptivos (inadequados) diminuíram de frequência em relação a antes do início do programa de orientação de pais?

SIM

NÃO

Caso você tenha respondido SIM à pergunta 4 a que você atribui essa diminuição de frequência?

- () ele amadureceu nos últimos meses
- () eu mudei meu comportamento em relação ao meu filho e passei a enfraquecer os comportamentos inadequados
- () houve inserção ou mudança de medicação
- () as terapias com meu filho focaram na redução desses comportamentos
- () outras _____

5. De acordo com as suas observações você considera que os comportamentos adequados de seu filho aumentaram de frequência em relação a antes do início do programa de orientação de pais?

SIM

NÃO

Caso você tenha respondido SIM à pergunta 5 a que você atribui esse aumento de frequência?

- () ele amadureceu nos últimos meses
- () eu mudei meu comportamento em relação ao meu filho e passei a fortalecer os comportamentos adequados
- () houve inserção ou mudança de medicação
- () as terapias com meu filho ajudaram a ampliar o repertório e respostas adequadas passaram a aparecer com maior frequência

outras _____

6. Dos recursos utilizados durante o programa numere de 1 a 6 quais deles você considera que mais te ajudaram a mudar seu comportamento em relação aos comportamentos disruptivos do seu filho? (Sendo 1 o recurso que mais ajudou e 6 o que menos interferiu)

vídeos com filmagens da minha interação com meu filho

vídeos de outras crianças

descrições – por escrito – do comportamento do meu filho

apresentações sobre a Análise do Comportamento Aplicada

treino de registro na tríplice contingência – antecedente, resposta e consequência

assistir a terapeuta interagindo com meu filho na sessão 1 da Etapa 4.

outro _____

nenhum dos recursos me ajudou e não mudei meu comportamento em relação ao meu filho com o programa de orientação de pais

7. Em relação a frequência semanal do treino você considera que:

se tornou cansativa e concorria com meus compromissos de trabalho ou outras prioridades

se tornou cansativa e diminui a minha motivação para participar do programa de orientação de pais

se tornou cansativa, porém me ajudou a observar com maior frequência meu comportamento em relação a meu filho

não se tornou cansativa mas concorreu com meus compromissos de trabalho e outras prioridades

não se tornou cansativa e permaneci motivado para participar ao longo de todo o programa

não se tornou cansativa e me ajudou a observar com maior frequência meu comportamento em relação ao meu filho.

8. Se você pudesse escolher a frequência com que participaria de um programa como esse que tem começo, meio e fim, você escolheria:

semanal

quinzenal

mensal

() bimestral

() semestral

9. Caso os pais de outras crianças com TEA fossem convidados a participar desse programa de orientação e pedissem a sua opinião, você indicaria como um recurso importante para os pais e seus filhos?

SIM

NÃO

Justifique: _____

Muito obrigada pela sua participação!!!!!!

ANEXO 11

FOLHA DE REGISTRO 7 – AVALIAÇÃO A3.

Filme	HORA	DISRUPTIVO				Mãe				Pai			
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI
		G	CR	CT	B	R	D	FR	RI	R	D	FR	RI

Participante:

Comportamento disruptivo alvo: gritar (G), chorar (CR), se jogar no chão (CT), bater(B)

Comportamento dos pais: reforçar positivamente comportamentos adequados (R), demanda repetitiva (D), falas restritivas (“não”, “para”, “não pode”, “assim não”) (FR), reforçar positivamente comportamentos inadequados (RI)

ANEXO 12

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Título da Pesquisa: AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE TREINO PARENTAL COM ENSINO DE ANÁLISE FUNCIONAL PARA DIMINUIÇÃO DE COMPORTAMENTOS DISRUPTIVOS EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).

Prezados pais,

Este é um convite para que você e seu (sua) filho(a) participem voluntariamente em uma pesquisa na qual serão realizadas 12 sessões de orientação parental e 5 observações da interação entre pais e filhos na sua residência. Será realizado um treino com vocês pais que tem como objetivo ensiná-los a olhar para os comportamentos dos seus filhos tornando-os capazes de identificar a função de tal comportamento e conseqüentemente aptos para realizar intervenções que auxiliem na diminuição de comportamentos disruptivos e aumento de comportamentos adequados. O título da pesquisa é “Avaliação de um programa de treino parental com ensino de análise funcional para diminuição de comportamentos disruptivos em crianças com transtorno do espectro autista (TEA)”, e é de autoria de Andrea de Carvalho Pinto Ribela Naito (CRP 06/98133), sob orientação de Candido Pessôa e Mateus Brasileiro Reis Pereira, respectivamente, aluna e professores do Programa de Mestrado Profissional em Análise do Comportamento Aplicada, na Associação Paradigma Centro de Ciências e Tecnologia do Comportamento– São Paulo – SP. A pesquisa seguirá as normas da Resolução CONEP 466/2012 que rege as pesquisas na área da saúde no Brasil.

Leia as informações abaixo antes de expressar ou não seu consentimento para participar da pesquisa.

1. O objetivo dessa pesquisa é ensinar os pais a realizarem hipóteses funcionais a respeito dos comportamentos disruptivos de seus filhos e por fim avaliar a eficácia de tal programa para diminuição dos comportamentos disruptivos para cada um dos participantes.

2. As sessões serão gravadas para uso da pesquisadora e dos pais nas etapas da pesquisa e para análise posterior apenas pelos pesquisadores visando melhor apreciação dos resultados. Os vídeos gerados das sessões poderão ser apresentados em congressos, trabalhos acadêmicos e/ou publicações em periódicos, porém isso só ocorrerá com a permissão prévia dos responsáveis pela criança. Caso os responsáveis não autorizem a utilização dos vídeos para esses fins os arquivos serão destruídos imediatamente após sua utilização sem que isso gere prejuízos a sua participação na pesquisa.
3. Os benefícios esperados incluem: diminuição dos comportamentos disruptivos da criança, melhoria na compreensão dos pais em relação a função dos comportamentos de seus filhos, aumento do uso de reforçamento positivo pelos pais para comportamentos adequados de seus filhos e diminuição de controle aversivo como consequência a comportamentos inadequados. Além desses benefícios, o trabalho também apresenta relevância social por contribuir com avanço de tecnologias para ensino de pais podendo proporcionar melhora em intervenções a outros clientes, além de proporcionar a discussão a respeito dos resultados obtidos possibilitando o avanço da pesquisa.
4. Mesmo após a concordância em participar dessa pesquisa, os pais podem interromper o processo quando assim desejarem, retirando sua autorização, sem sofrer qualquer tipo de penalidade.
5. Como em toda e qualquer pesquisa, nesta também há um risco mínimo que pode estar relacionado ao aumento do comportamento disruptivo da criança com o início da intervenção. Tal aumento é esperado em curto intervalo de tempo, uma vez que, o ambiente a qual a criança faz parte estará sendo alterado através da orientação de pais. Apesar desse aumento inicial o estudo prevê diminuição a longo prazo de tais comportamentos. Caso ocorra o aumento de tais comportamentos disruptivos sem que esses sejam seguidos pela diminuição da frequência, a pesquisadora compromete-se em suspender o método descrito na presente pesquisa dando continuidade à assistência a família visando a diminuição de tais comportamentos.
6. A participação nessa pesquisa não implica em nenhum compromisso financeiro entre você, o pesquisador, e o Paradigma.
7. O sigilo sobre a identidade dos participantes na pesquisa será garantido. Os resultados finais serão apresentados aos responsáveis e posteriormente poderão ser divulgados por meio de apresentações em congressos, trabalhos acadêmicos e ou publicações em periódicos. Na divulgação dos resultados os participantes não serão identificados.
8. Você poderá ter acesso a qualquer material ou texto, antes dele ser apresentado em encontro científico e/ou publicado, para que possa avaliar se continua permitindo sua publicação ou não, ou mesmo solicitar modificações no texto de modo a preservar sua identidade.
9. Concordando em participar dessa pesquisa, você também está autorizando a participação do seu(sua) filho(a).

10. A qualquer momento você poderá entrar em contato com os responsáveis pela pesquisa, ou pelo telefone (011) 3672-0194 ou pelo e-mail secretaria@paradigmaac.org, para solicitar esclarecimentos, ou por qualquer outro motivo. Você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética que será definido pela Plataforma Brasil.

Eu,

_, RG _____, declaro ter recebido todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre minha participação no projeto de pesquisa “Avaliação de um programa de treino parental com ensino de análise funcional para diminuição de comportamentos disruptivos em crianças com transtorno do espectro autista ” e concordo em participar voluntariamente da mesma, bem como autorizo ainda a participação do(a) meu(minha) filho(a)
_____.

Data: _____/_____/_____

Assinatura do participante

Pesquisadora: Andrea de Carvalho Pinto Ribela Naito (CRP 06/98133)

Prof. Dr. Candido Bocaiuva Barnsley Pessôa

Prof. Dr. Mateus Brasileiro Reis Pereira

ANEXO 13

Aprendendo sobre Análise do Comportamento

Andrea Ribela
Mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Análise Aplicada do Comportamento no Paradigma Centro de Ciências do Comportamento

O que é comportamento?

- É uma **RELAÇÃO** entre aquilo que o indivíduo faz e o seu ambiente.

O que é ambiente?

- São todos os eventos com os quais o indivíduo pode manter algum tipo de relação.

Ex: pessoas passam a olhar para o indivíduo, apresentação de um lanche, mudança de um sinal de trânsito, recebimento ou perda de dinheiro, um telefone começa a tocar, uma mudança de calor para frio, etc.

O que é comportamento?

Daqui para frente vamos olhar para essa **relação** da seguinte forma:

Comportamento

O que é uma resposta?

- É aquilo que o indivíduo faz.

Ex: andar, falar, chorar, gritar, comer, beber, dançar, dormir, assistir, ler, escrever, etc.

O que é um evento antecedente?

- É aquilo que acontece no ambiente antes da resposta do indivíduo.

Ex: uma televisão ligada que foi desligada, a entrada/saída de outra pessoa em um ambiente, uma pessoa começa/para de falar, a entrada ou saída de um animal, a inserção ou retirada de um tablete, etc.

Comportamento

O que é uma consequência?

- É a mudança que a resposta do indivíduo produz no ambiente.

Ex: um elogio/bronca de alguém, uma televisão ligada/desligada, a inserção ou retirada de um tablete, a entrada/saída de outra pessoa do ambiente, etc.

Como sabemos se o estímulo e a resposta estão relacionados?

Vamos ao exemplo:

Um ônibus chegando no ponto. Você está sozinha no ponto, não há ninguém ao seu lado.

Fazer sinal	→	Ônibus PARA	Ônibus chegando	→	Fazer sinal	→	Ônibus PARA
Permanecer com as mãos para baixo	↗	Ônibus PARA	Ônibus distante	→	Fazer sinal	→	?

Então...

- A **presença do ônibus** é a condição para que o "fazer sinal" produza a **parada do ônibus**.
- Dessa forma:**
 - O evento antecedente se relaciona com a probabilidade da resposta acontecer ou não agora.
 - Já a consequência se relaciona com a probabilidade da resposta acontecer ou não no futuro.
- Ou seja, ambos os efeitos dependem de uma história anterior da relação entre esta resposta e estas mudanças no ambiente.

Falando em consequência...

- Dizemos que algumas delas:
 - Aumentam a probabilidade de uma resposta acontecer no futuro e, portanto, **FORTALECEM** o comportamento (a relação).
 - Diminuem a probabilidade de uma resposta acontecer no futuro e, portanto, **ENFRAQUECEM** o comportamento (a relação).

Fortalecimento do Comportamento

Reforçamento Negativo:

- Falamos de reforçador negativo quando a resposta do indivíduo produz a retirada de um estímulo aversivo, ou seja, a retirada de algo desagradável para a pessoa.

Ex: uma janela fechada que retira um barulho, um guarda-chuva que protege da chuva, retirada de um sapato apertado ou de uma lição de casa trabalhosa.

Fortalecimento do Comportamento

- Reforçamento Positivo e Reforçamento Negativo**
- Reforçamento Positivo:**
 - Falamos de reforçador positivo quando a resposta do indivíduo produz mudanças ou acrescenta algo no ambiente.

Ex: um elogio, um salgadinho, atenção de outras pessoas, um olhar, um abraço, palmas e etc.

Atenção: Não existem reforçadores iguais para todos. Para alguns, um abraço pode ser algo extremamente agradável para outros, totalmente incômodo. Para alguns um salgadinho pode ser algo gostoso para outros não.

Enfraquecimento do Comportamento:

- Punição Positiva, Punição Negativa e Extinção:

Punição Positiva

- É a punição de uma determinada resposta através da apresentação de um estímulo aversivo.

Ex: palmada, choque, som alto, bronca, etc.

Atenção: Alguns estímulos podem ser aversivos para algumas pessoas e não para outras. A bronca, por exemplo, pode ser um estímulo aversivo para alguns, mas pode servir como atenção para outros.

Enfraquecimento do Comportamento

Punição Negativa

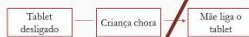
- É a punição de uma determinada resposta através da retirada de um estímulo reforçador.

Ex: retirada de um tablet, restrição de acesso a TV ou a um doce, etc.

Enfraquecimento do Comportamento

Extinção

- É a quebra da relação entre a resposta e a consequência que até então ela produzia.



- Ou seja, a resposta deixa de produzir a consequência reforçadora que a mantinha tão frequente.

Vale lembrar...

- Só dizemos que uma resposta foi **reforçada** se ela **aumentar de frequência** no futuro (se o comportamento for fortalecido).

- Só dizemos que uma resposta foi **punida** se ela **diminuir de frequência** (se o comportamento enfraquecer).

Função do Comportamento

- Como vimos antes, o comportamento é **uma relação**. Dessa forma, para analisar um comportamento não podemos identificar apenas uma **resposta** já que ela é **apenas um dos elementos** dessa relação.

Ex: Vamos utilizar a resposta "CHORAR".



Função do Comportamento

- Apesar de se tratar da mesma resposta elas produzem consequências diferentes. Dizemos então que elas tem **FUNÇÕES** diferentes:

* A primeira produz a **retirada de um estímulo aversivo** (mãe com escova de dente)

* A segunda produz **reforçadores positivos** (aplausos e elogio)

Função do Comportamento

- Podemos observar também situações em que respostas diferentes produzem a mesma consequência:



Função do Comportamento

- Se elas produzem a mesma consequência, elas tem a mesma função:

* A primeira produz a retirada de um estímulo aversivo (mãe com escova de dente)

* A segunda também produz a retirada de um estímulo aversivo (mãe com escova de dente).

E agora?

- Algumas vezes as crianças não sabem pedir para ganhar algo que querem ou para que seja retirado algo que não gostam de outra maneira que não "fazendo birra".
- Outras vezes aprendem que a birra é a maneira mais rápida de ser atendida.
- Dessa forma, reduzir a frequência desse tipo de resposta pode não ser uma tarefa fácil!

Algumas dicas podem nos ajudar...

Fortalecer outras respostas

- Se o seu filho já apresenta outras respostas mais adequadas do que a birra podemos fortalecer essas outras respostas ao mesmo tempo em que enfraquecemos as respostas de birra.



Fortalecer outras respostas



Ensinar novas respostas

- Se o seu filho ainda tem dificuldade de aprender outras respostas que não as de birra, talvez seja necessário **ensinar novas respostas!**

Como podemos fazer isso?

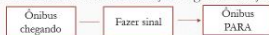
Ensinando novas respostas

Via Regra

- A regra é um estímulo verbal que apresentamos ao indivíduo descrevendo a contingência em vigor.

Ex: Filho, quando o ônibus estiver chegando faça o sinal e ele parará no ponto.

- No exemplo acima descrevemos a criança a seguinte relação:



Ensinando novas respostas

Modelagem

- O ensino de novas respostas via modelagem se dá através do fortalecimento de respostas que já existem no repertório do indivíduo. Gradualmente respostas mais complexas passam a ser fortalecidas e as menos complexas aceitas até então passam a ser extintas.

Ex: Meu filho pede água chorando e me puxando até a cozinha, quero ensiná-lo a pedir usando a palavra "água".

Ensinando novas respostas

Modelagem



Ensinando novas respostas

Modelação

- O ensino de novas respostas via modelação acontece quando um indivíduo apresenta ao outro um modelo de como realizar determinada resposta.

Ex: Quando quero ensinar meu filho a amarrar o tênis: faço o movimento do laço, meu filho imita realizando o mesmo movimento.

Ensinando novas respostas

Modelação e Modelagem

